

Redes sociais tornam-se ferramentas de inclusão e interação entre a escola e a família



Breve reflexão sobre leituras e escrita

Andrea da Paixão Fernandes*

As linguagens oral, escrita e imagética são meios privilegiados para a comunicação e para construção de processos alfabetizadores. Aprende-se a ler, lendo. Lendo nos tornamos leitores. O mesmo processo é válido para a aprendizagem da escrita. No entanto, ambos requerem que uma imensa e complexa rede seja tecida a partir dos contatos diários, das trocas experimentadas, das histórias e causos contados, dos saberes partilhados e enriquecidos pelo saber do outro, das leituras de mundo realizadas pelos estudantes e mediadas pelo professor.

Como ensinou Paulo Freire, para que a prática da leitura faça sentido é imprescindível que se promova a leitura do mundo. Crianças, jovens e adultos precisam ser capazes de ler de forma contextualizada, considerando a diversidade de modos de inserção desses sujeitos no/com o mundo. Precisam compreender o que leem e usar socialmente as possibilidades existentes na prática leitora e escritora. Tfouni (1997) e Soares (2003) denominam letramento o processo de alfabetização nessa perspectiva. Freire já considerava a visão do letramento na aprendizagem da leitura e da escrita, embora não fizesse uso desse termo.

Além de se alfabetizarem na língua materna, os estudantes devem ser alfabetizados social, cultural e politicamente para que tenham melhores condições de se apropriar do sentido e do conceito do/sobre o que leem. Chegamos ao século XXI. Interações e diálogos no cotidiano da sala da alfabetização com contextos que valorizem diferentes linguagens que perpassam o cotidiano da nossa sociedade são fundamentais. O vídeo e a mídia interativa são exemplos. A leitura de imagens também se dissemina em diferentes espaços sociais, tornando essencial a alfabetização do olhar. Essas possibilidades se unem à leitura de textos, histórias, "causos".

Assim, as atividades didáticas devem potencializar que estudantes de faixas etárias diferenciadas despertem o interesse pelo mundo da leitura, pois ler é uma forma de produzir conhecimento de si e do outro; promover interações com o que lê e escreve e valorizar suas formas de ser e de estar no mundo.

***Andrea da Paixão Fernandes** é doutoranda em Educação (Unicamp), professora Assistente do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-Uerj), professora da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro, além de pesquisadora da área de Educação de Jovens e Adultos. andreauf@uerj.br



De professor a educador: contribuições da psicopedagogia

Maria Dolores Fortes Alves*

A entrada no século XXI é marcada por profundas mudanças no modo de vida do homem ocidental.

As ideias cartesianas "das partes", da "razão pura", deixam de ser verdades absolutas para ceder lugar a novos pensamentos de um ser humano. É o momento de conceber um novo homem integrado em uma relação no mundo em que está inserido. Portanto, é necessário haver uma mudança de pensamentos e valores para que sejam elaborados novos paradigmas.

A Educação deve avançar com urgência além dos paradigmas da "educação bancária". Tornou-se imprescindível o "aprender, a aprender, a fazer, a ser, a conviver". Devemos olhar o homem a partir dele próprio, de sua afetividade, do seu egocentrismo, de sua subjetividade, de sua intersubjetividade e de

seu altruísmo. Neste momento da pós-modernidade se faz de grande urgência que, em todos os níveis, educadores estejam presentes em salas de aula.

"Uma sociedade onde caibam todos só será possível num mundo no qual caibam muitos mundos. A Educação se confronta com essa apaixonante tarefa: formar seres humanos para os quais a criatividade e a ternura sejam necessidades vivenciadas em elementos definidores dos sonhos de felicidade individual e social".

Para ensinar conteúdos o professor não precisa necessariamente estar presente na sala de aula, podendo até mesmo ensinar a distância. No entanto, para se despertar artistas da vida, parceiros de sonhos e do amor, cabe o educador. "O professor pode ser um funcionário das instituições que gerencia, um especialista em reprodução de conhecimentos e uma peça no aparelho ideológico do estado. Um educador, ao contrário, é um fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos".

O ser humano enquanto ser *in natura* traz dentro de si os valores essenciais, no entanto, o tecnicismo do ato pedagógico colocou a técnica à frente do ser.



Conselho Editorial
Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

Jornalismo
Antônia Lúcia Figueiredo
(M.T. RJ 22685JP)

Colaboração
Cláudia Sanches, Sandra Martins,
Tony Carvalho e Marcela Figueiredo

Fotografia
Marcelo Ávila e Tony Carvalho

Design Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem
Bimestral – 65.000 (sessenta e cinco mil)

Impressão e distribuição
Gráfica Ediouro – Correios

Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

Endereço Eletrônico:
www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200

* Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

.....

O que significa que o viver está além do fazer, está na essência do ser... E, para ressignificar este viver, existem valores que fazem a diferença: são os valores sementes da humanidade, que cabe ao educador, pelo ato de amor, fazer germinar...

Que o "fazer" não tenha mais valor que o "ser", mas que juntos sejam coadjuvantes no semear de sonhos e no desabrochar de autorias. Aprender a ser educador passa pelo desabrochar das sementes de amor, confiança, alegria, amizade, doçura..., que foram plantadas no seio da humanidade e nos fazem recordar nossa essência humana.

"Educador há aos milhares. Mas professor é profissão; não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é a vocação. Toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança".

Desejamos que a Educação seja a arte de formar, ou melhor, de transformar, de acordar para o seu mundo vida para que tragam vida para o mundo. Pelo autocohecimento é revelado todo nosso potencial para o ser e estar e o fazer. O educador prioritariamente tem um papel na Educação como um processo de humanização, que está muito além de somente formar indivíduos tecnicamente capazes de atuar na sociedade. Seu papel constitui-se também em um ato de amor, no desejo de despertar os valores nobres e universais que nos conduzem à nossa própria autoria. Fazendo-nos renascer como flores que somos no imenso e fraterno jardim da humanidade ecológica. Que o fazer não tenha mais valor que o ser, mas que juntos sejam coadjuvantes no semear de sonhos e o desabrochar de autorias.

O que é essencial é invisível aos olhos...

Exupery

Coisas que não ensinamos, cultivamos, cativamos... pela solidariedade. A solidariedade é o laço que religa a humanidade ao uno, ao múltiplo, ao complexo completo, ao que é essencial: a nossa própria essência: como o Amo.

São destes momentos de amor e paixão que nascem os fundadores de mundo como poetas, educadores e os grandes cientistas, cria-se uma nova história, restabelecem-se as esperanças da humanidade e acorda-se o humano para consciência de sua ligação com o todo da vida.

"Não sei como preparar o educador. Talvez que isto não seja necessário e nem possível... é necessário acordá-lo. E aí aprender que educadores não se extinguem como tropeiros e caixeiros. Ou porque, talvez, nem tropeiros nem caixeiros tenham desaparecido, mas permaneçam como memórias de um passado que está mais próximo do nosso futuro que o ontem. Basta que o chamemos do seu sono, por um ato de amor e coragem. E talvez, acordado, ele

repetirá o milagre da instauração de novos mundos". Aprender a ser educador... Aprender a ser professor passa pelos caminhos acadêmicos, pelas aulas teóricas e práticas, pelo mundo dos métodos e técnicas. Aprender a ser educador segue um pouco mais adiante: entramos no mundo dos sonhos e pensamentos carregados de luz, cor e sabor.

Aprender a ser educador passa pelos caminhos da humildade do ensinar aprendendo e aprender ensinando, passa pelos caminhos do amor, pelos caminhos do calor do acolhimento, pelos caminhos do coração. Aprender a ser educador passa pelos caminhos do saber que nada se sabe só porque a sabedoria é construída em teia, tecida por caminhos de conhecimentos comungados com o outro. Aprender a ser educador passa pelo desabrochar das sementes de amor, confiança, alegria, amizade, doçura... que foram plantadas no seio da humanidade e nos faz recordar nossa essência humana. Aprender a ser educador passa pelos caminhos da consciência de nossa unidade e irmandade cósmica.

O professor ensina, transmite conhecimentos; o educador engravida pensamentos, gesta mundos e mundos de sonhos.

O professor seduz; o educador dá a luz, faz parir autorias.

O professor forma; o educador "trans-forma", vai além da forma porque acredita que seu aluno é singular, deve voar e descobrir os tesouros de saber, conhecer e ser... humano.

Onde existe conflito o educador espelha a coopeção.

Onde existe resistência o educador espelha a aceitação.

Onde existe desinteresse o educador pratica a criatividade.

Onde existe arrogância o educador pratica a caridade.

Onde existe controle o educador pratica a confiança.

Onde existe cobrança o educador pratica a flexibilidade.

Onde existe medo o educador pratica a esperança.

Onde existe ressentimento o educador pratica o perdão.

Onde existe competição o educador pratica a solidariedade.

Onde existe tristeza e dor o educador pratica o amor.

***Maria Dolores Fortes Alves** é Professora, Pedagoga, Psicopedagoga. Escritora, Palestrante, Conferencista. Doutoranda e Mestre em Educação pela PUC/SP, além de Mestre em Psicopedagogia; Pós-graduação em Distúrbios da Aprendizagem pela Universidade de Buenos Aires; Especialista em Educação em Valores Humanos pela Fundação Peirópolis. Contato: www.edupsicotrans.net.

.....



Educação na cidade partida

Andrea Gouvêa Vieira



Uma amiga professora, que leciona numa escola privada de classe média alta e numa outra da rede estadual de uma região muito pobre, prestou-me um depoimento, no mínimo, inquietante. Falou sobre como era preciso se dividir para trabalhar em dois mundos socialmente tão distintos e sobre as dificuldades para passar incólume por ambientes que ora derrubavam sua autoestima, ora lhe provocavam um profundo sentimento de culpa social.

Três vezes por semana, na escola pública, ouvia relatos sobre adolescentes grávidas, a precariedade das suas casas, a convivência com bocas de fumo e como, muitos e muitas, sonhavam em, no futuro, tomar o seu lugar, tornando-se professoras – entendida, mais do que uma profissão, como um salvo-conduto para uma vida digna e confortável. Para parte desse

grupo, dos que ainda cultivam certa ambição, a professora é uma boia de salvação.

Na outra escola, os relatos eram bem diferentes. Ela ouvia muito falar no que os pais dos alunos fazem, nos aparelhos eletrônicos que possuem e nas frequentes viagens ao exterior, para lugares que ela própria não havia tido a chance de conhecer. Falavam também que não sabiam exatamente o que fazer na vida, mas que certamente não seriam professores, porque não queriam “morrer de fome”. Para a maior parte desse grupo ela não é um modelo profissional a ser seguido.

Paris, Disney, Nova York, Aspen, Angra, Búzios formam a geografia da “turma rica”, usando-se uma expressão bem simples, em contraste com lajes, linha do trem, morro, valão, que são os principais pontos de referência da “turma pobre”. Inevitável, durante o relato da professora, não me lembrar da Belíndia, imagem do Brasil cunhada pelo economista Edmar Bacha, tempos atrás: de um país com uma face Bélgica, pequena e muito rica, e outra face Índia, grande e pobre. No caso, esclareça-se, uma expressão criada bem antes do crescimento econômico que levou

a Índia a figurar entre as nações em grande ascensão.

Mas, a despeito do tom de aflição que acompanhava o relato, pude notar um brilho nos seus olhos, ao falar dos êxitos alcançados de um lado e de outro, pequenas mas expressivas vitórias que, num dia a dia de exasperantes rotinas, aproximavam os alunos de cada uma das duas realidades. Os conhecimentos apropriados significavam novos horizontes, além dos limites das favelas onde uns moravam ou das viagens a lugares de sonho que outros faziam. E a principal lição que ela transmitia talvez fosse a de revelar o mundo com maior clareza, inclusive os abismos que separam a vida de algumas pessoas, mas que caberia a cada um se esforçar para transpor, como uma meta importante a ser alcançada.

Ao abrir os olhos de seus alunos, essa educadora transferia, indistintamente, mais do que conhecimentos objetivos, uma inestimável sabedoria, provando que não existe nada mais valioso a ofertar para os jovens do que uma Educação de qualidade.

Andrea Gouvêa Vieira

Vereadora da Cidade do Rio de Janeiro
E-mail: falecomigo@andregouveavieira.com.br

www.appai.org.br

20º GRANDE
BAILE

Beneficente dos Associados da Appai



Ribalta Eventos
16/06/2012, das 19 às 24h
Av. das Américas, 9.650
Barra da Tijuca
Traje: Esporte fino



Museu Forte Defensor Perpétuo

Antônia Lúcia

Para defender o ouro descoberto em Minas Gerais dos ataques de corsários e piratas durante o seu envio a Portugal, a partir de 1703 foram erguidos vários fortes na baía de Paraty, rota das embarcações. Entre eles, o Forte Defensor Perpétuo, construído em 1793 no Morro da Vila Velha ou Ponta da Defesa, cuja sucessão remonta de uma construção primitiva que não possuía muralhas em seu contorno.

Sem recursos para manter a sua manutenção, o forte ficou entregue à própria sorte, de modo que a construção acabou sendo corroída pela ação do tempo. Em 1822, sua estrutura original, já em ruínas, passa por uma profunda reforma mantendo-se parte dos compartimentos da edificação. Na mesma ocasião, em homenagem ao Imperador D. Pedro I, o Forte recebe o nome de Defensor Perpétuo do Brasil, em alusão ao título recebido pelo monarca supremo do império.

Além do Defensor Perpétuo, outras seis fortificações guardavam a baía: Ponta Grossa, Ilha das Bexigas, Iticopê, Patitiba, Ilha do Mantimento e Bateria do Quartel. Hoje apenas algumas ruínas lembram o que um dia foi um local destinado a proteger as riquezas de nossas terras dos possíveis ataques inimigos.

Tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1957) e restaurado na década de 1960 e em 1985, o atual Centro de Artes e Tradições Populares de Paraty ocupa o salão principal do forte, expondo objetos relacionados ao modo de vida do povo local. Além desse ambiente, ainda podem ser vistos o antigo paiol de pólvora e outras duas instalações do forte original.

Morro do Forte, s/nº – Centro Histórico – Paraty/RJ
Horários: de terça a sexta, das 9 às 12h e das 13 às 17h
Aos sábados e domingos, de 13 às 17h
Na terça-feira a entrada é gratuita.
Tel.: (24) 3373-1038



Incentivo à reciclagem

Escola propõe ações para diminuir o descarte de plásticos e derivados no meio ambiente

Marcela Figueiredo

A sigla ainda é pouco conhecida, mas os produtos feitos com Pead fazem parte da rotina de todas as pessoas. Eles estão presentes nas embalagens de produtos de beleza e higiene como alvejantes, amaciantes de roupa, xampus, condicionadores e hidratantes. Apesar da sua utilidade, o PEAD – um tipo de plástico com alta densidade –, quando descartado no meio ambiente, pode levar mais de 500 anos para se decompor. Muitas campanhas têm sido feitas para incentivar a reciclagem de *pets*, bastante utilizadas nas embalagens de refrigerante, mas o Pead também pode ser reaproveitado e transformado em novos objetos e até em móveis.

O Centro Vocacional Tecnológico do Engenho Novo, mais conhecido como CVT, instituição vinculada à Faetec, promove ações para coleta e reaproveitamento de embalagens feitas com este tipo de plástico. Uma delas aconteceu no evento realizado em parceria com a Clínica da Família do mesmo bairro. Na ocasião foi montado um estande para realizar a coleta e, a cada duas embalagens do material que eram entregues, os participantes levavam para casa uma peça confeccionada pelos alunos dos cursos do CVT.

A meta é arrecadar 90 quilos de PEAD, que serão levados a uma empresa que reutiliza essa matéria-prima na produção de móveis e outros utensílios. Em troca, o curso receberá um banco feito com o mesmo material. Em apenas um dia de campanha foram arrecadadas cerca de 300 embalagens.

A ação em prol do meio ambiente serviu também para uma maior aproximação entre a escola e a comunidade. Segundo os organizadores do CVT muitos moradores do bairro não têm conhecimento dos cursos existentes e de que todos eles são oferecidos de graça. “Essa é uma oportunidade de nós mostrarmos às pessoas que moram na comunidade o que a escola faz. Estão disponíveis dez cursos, e a procura ainda é pouca. Nos eventos, nós apresentamos o que nossos alunos aprendem”, esclarece Andre Luiz Sobral, coordenador do CVT Engenho Novo.



Durante evento na comunidade, professores expõem objetos feitos com sobra de material e trocam embalagens recicláveis por artesanato

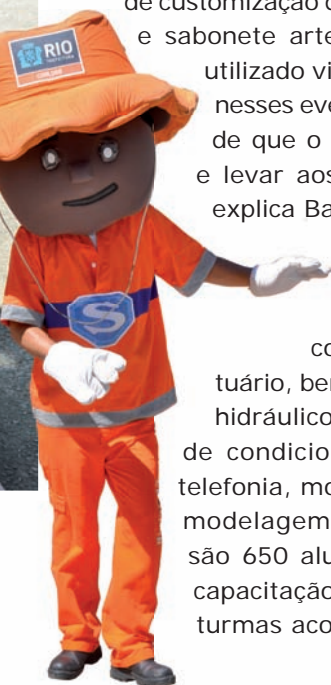


Outras ações já foram realizadas, como a que aconteceu durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, na qual professores e alunos realizaram oficinas de customização de bolsas, bordado, bijuterias e sabonete artesanal. Boa parte do material utilizado vinha de reciclagem. “Nossa função nesses eventos é conscientizar a comunidade de que o lixo pode ser revertido em renda e levar aos moradores os cursos do CVT”, explica Barbara Assis, uma das professoras do projeto.

O Centro Vocacional Tecnológico oferece cursos nas áreas de construção civil, informática e vestuário, bem como de refrigeração, bombeiro hidráulico, eletricista, instalação e reparo de condicionadores de ar, cabeamento de telefonia, montagem e manutenção de micro, modelagem, bordado e corte. Atualmente são 650 alunos participantes dos cursos de capacitação, e as inscrições para as próximas turmas acontecem a partir de 19 de abril.

O Instituto Estadual do Ambiente (Inea) disponibiliza em seu *site* uma relação de cooperativas de catadores em todo o município do Rio e oferece também oficinas de capacitação a gestores escolares interessados

em implantar a coleta seletiva nas escolas. Para mais informações acesse: www.coletaseletivasolidaria.com.br. Além de incentivar a reciclagem, a ação pode ser tema nas aulas de Química, Biologia e Física. O meio ambiente agradece! ■



CVT – Centro Vocacional Tecnológico do Engenho Novo
Rua Dois de Maio, s/nº – Engenho Novo – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20961-160
Tels.: (21) 2334-8918 / 2334-8919
E-mail: cvtengenhonovo@faetec.rj.gov.br
Coordenador: André Luiz Avelino Sobral
Fotos: Marcelo Ávila



Vista minha pele

Escola trabalha valores éticos através de atividades de leitura, debates e pesquisas

Claudia Sanches

Como será que ele se sente? Essa é a pergunta chave do projeto *Cor Ação Brasileiro*, desenvolvido na Escola Municipal Professora Iramar da Costa Lima com o Ensino Fundamental. O trabalho começou com os alunos, a partir de alguns problemas comportamentais no cotidiano escolar. Na época a professora de História Marize Conceição chamou a turma para conversar sobre a questão. O objetivo era claro: combater as “brincadeiras” racistas muito comuns entre o corpo docente, e com os próprios discentes, que não escapavam das piadas de mau gosto.

Com a aprovação da Lei nº 10.639, de 2003, que torna obrigatória no currículo oficial da rede de ensino a temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, os educadores começaram a organizar encontros mais formais para debater o assunto, o que levou o inicialmente chamado *Projeto da Consciência Negra* a transformar-se em *Cor Ação Brasileiro*. A atividade teve como culminância uma feira integrada, que contou com a adesão de profissionais de vários colégios e pessoas da comunidade.

Para enfatizar ainda mais a importância dessa integração, participaram do projeto outras unidades escolares da rede municipal de ensino. Amanda, aluna do Ciep Hans Christian Andersen, por exemplo, trabalhou com as máscaras da Argélia e apresentou a brincadeira “quem sou eu?”, em que o visitante tinha que adivinhar os representantes da raça negra na sociedade.

Mudando a cada dia

De acordo com a professora Darlúcia Magalhães a atitude dos alunos mudou na medida em que eles começaram a discutir e debater mais essas questões. “Agora eles se respeitam. Até podemos ouvir um ‘seu feijão’ aqui e ali, mas não aceitamos como brincadeira, já que nós trabalhamos a situação de alguma forma em sala”, ressalta a docente lembrando que as questões começaram a ser tratadas primeiro pelos próprios professores, de forma diferente.



O trabalho frequente tem ajudado a evitar situações de surpresa. É o que conta a professora Ana Marta Almeida que, em sala de aula, para trabalhar a questão da origem costuma perguntar à turma: “Se vocês fossem a uma viagem o que levariam? Eles falam sobre alguns bens materiais, mas no final sempre dizem: minha mãe, meu pai. Nossa ideia era falar sobre essa “bagagem” que os negros trouxeram. Eles deixaram suas famílias e casas, mas não permitiram que morresse o que tinham dentro deles: a sua história. E esses descendentes têm que conhecê-la para respeitar essas tradições”, relembra a docente.

Para mudar a atitude dos alunos em relação às piadas sobre cabelo, muito comum nos colégios, Darlúcia decidiu ler a história “A menina bonita do laço de fita”, de Ana Maria Machado, que não só encantou a criançada, por valorizar a beleza negra, como também ajudou sobretudo a mudar o olhar acerca dessa questão. Os estudantes também assistiram ao curta-metragem “Vista minha pele”, trama em que o autor inverte os papéis sociais. A intenção era que um pudesse, imaginariamente, vestir a pele do outro. A ideia central, na avaliação dos professores, foi alcançada, pois agora pode-se perceber entre eles o respeito individual e cultural a suas origens.

Segundo a equipe pedagógica o resultado positivo desse trabalho de esclarecimento é visto no dia a dia no ambiente escolar. “Somos uma mistura de raças que resulta nesse caldeirão cultural que é o Brasil. Acreditamos que somente através da Educação podemos conscientizar a sociedade”, aponta Ana Marta. Para a aluna Geovana, do 5º ano, que sonha em ser oficial da Aeronáutica, qualquer forma de racismo não passa mais em branco. Ela identifica e leva a questão ao grupo. “Aprendi que minha cor é linda, meu cabelo é lindo, faço parte da história do Brasil e cada um tem seu tempo para ver que todos nós somos iguais”, concluiu. ■

Conhecer para valorizar: desvendar os valores da cultura africana é também exercitar a cidadania e a autoestima



Escola Municipal Profª Iramar da Costa Lima Miguel
Rua Ana Izabel, nº 499 – Jardim Aymoré – Comendador Soares
– Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26030-000
Tel.: (21) 3766-4508
E-mail: fatimavargas53@hotmail.com
Direção: Fátima Vargas
Fotos: Marcelo Ávila



Feira Multidisciplinar para consciência ambiental

Sandra Martins

A 6ª edição da *Mostra Multidisciplinar e Feira de Ciências* do Grupo NIT de Ensino, no bairro do Fonseca, em Niterói, teve como tema “Mudanças Climáticas, Desastres Ambientais e Prevenção de Riscos”. Em vários trabalhos constatava-se a forte lembrança do desabamento do Morro do Bumba ocorrido há quase dois anos, que foi expressa numa homenagem prestada às vítimas da tragédia.

Por meio de documentários, palestras, oficinas, os estudantes, orientados por seus professores, foram levados a refletir sobre possibilidades de promoção de melhorias para a sustentabilidade do planeta. Traduzir as teorias trazendo-as para o cotidiano de forma a tornar esses conhecimentos mais acessíveis foi a preocupação dos docentes, o que ficou expresso em disciplinas como a Química e a Física, cujos conteúdos começam a ser apresentados no 9º ano.

Foi baseado nesse princípio que o professor Emerson dos Santos abordou assuntos como átomos, moléculas, CO₂, PH: “Trata-se de conceitos abstratos que eles não veem”. Este é o melhor caminho para responder ao tradicional questionamento dos alunos: “Professor, onde vamos aplicar isso?”. No tema Poluição Ambiental, os estudantes construíram a maquete de uma indústria que libera os gases poluentes

na atmosfera. “Nesse momento, falamos de SO₂, CO₂, gases oxidados que em contato com a água viram ácido. Ao se precipitarem na forma de chuva acarretam uma série de implicações ao meio ambiente”, exemplificou Emerson, ao elogiar o empenho dos alunos nas pesquisas e preparação das maquetes.

Nas oficinas de Artes, o professor Roberto Mota propôs discussões envolvendo o que fazer com o lixo, a degradação ambiental, o consumo responsável, o reaproveitamento e a reciclagem. Aprender a técnica e vivenciar isso em sala de aula fez com que os alunos resgatassem várias questões culturais. Por meio da união de peças no osso – estado bruto – com outros materiais vindos do lixo os alunos aprenderam a desenvolver objetos concretos, que passam a ser vistos como alternativos: “É como se fosse um presente”. A ideia é o autoquestionamento sobre qual a nossa responsabilidade na identificação desses lixos cotidianos e o que fazer com eles.



As oficinas com profissionais de Ciências e Tecnologias sinalizaram outras possibilidades futuras de mercado de trabalho, em C&T, organização e produção de eventos, por exemplo

e muitos micro-organismos cumprem esse papel, assim como outras formas de vida participantes dessa cadeia, que também ajudam a reciclar a matéria do nosso globo”.

Outro exemplo de aplicabilidade da teoria à prática para o bom entendimento dos conceitos abstratos pode ser comprovado nas aulas de Física. “O professor no Ensino Médio está tratando de Eletricidade e várias formas de energia, onde se incluem também as renováveis, como é o caso da eólica, exemplificada através de

um secador de cabelo: o vento toca uma ventoinha que vai gerar uma corrente elétrica. Dessa forma, o aluno compreende com facilidade os conceitos que lhe são passados.

A novidade desta 6ª Mostra Multidisciplinar e Feira de Ciências foi a associação dos experimentos dos alunos com algo mais elaborado de uma empresa especializada em ciência e tecnologia. Alguns aspectos podem ser elencados nesta decisão, como mais conhecimentos e capacitação não só dos estudantes, mas também do corpo docente da casa. Há também a expectativa de incentivar os jovens para a escolha de suas profissões no futuro, já que os professores naturalmente identificam aqueles que se interessam por determinados tipos de matéria. ■

A identificação do lixo pode parecer uma bobagem. Será? Ao analisarem a história da fotografia, os alunos aprenderam que a evolução tecnológica trouxe benefícios também para o meio ambiente, pois os processos de revelação dos filmes utilizavam produtos químicos altamente poluentes. Além disso, impactos ambientais provocados por outros componentes na hora de tirar a foto foram apontados, como identificou em suas pesquisas o aluno Luiz Carlos, 14 anos, do 9º ano. Alguns dados a título de curiosidade: em 1826 a Nikon cria a primeira câmera fotográfica; a média anual de fotos por pessoa é 56, enquanto na digital esse número chega a 600.

De acordo com o diretor administrativo Jorge Luiz D'Ávila, o Grupo NIT de Ensino há cerca de quatro anos vem trabalhando com projetos para se adequar às exigências do Exame Nacional do Ensino Médio, cujas provas têm como característica a interdisciplinaridade. “Procuramos trazer para a escola essa vivência do que é colocado no Enem. Daí vemos nas salas experimentos onde se pode notar uma interação entre a Biologia, a Química, a Física e a Matemática”.

Há uma relação entre o conteúdo programático e o projeto. Na Biologia, Jorge Luiz, também professor dessa área, trabalhou com o tema “Fungos”, em geral ligado à decomposição, coisa podre, bolor. Entretanto, eles desempenham uma tarefa fundamental na cadeia de sustentabilidade, sendo um dos responsáveis pela reciclagem da matéria no planeta. “As plantas produzem a matéria orgânica, mas precisam da inorgânica para sua sobrevivência. Os fungos

Grupo NIT de Ensino
Alameda São Boaventura, 384 – Fonseca
– Niterói/RJ
CEP: 24120-196
Tel.: (21) 2625-9616
E-mail: contato@gruponit.com.br
Diretor-geral: Fábio Maciel
Fotos: Marcelo Ávila



Redescobrimo o Sudeste

Alunos trabalham a transição e os aspectos culturais e econômicos da região Sudeste

Tony Carvalho

A região Sudeste do Brasil não é muito extensa, ocupando apenas 11% do território brasileiro, o que corresponde a menos de um milhão de km². Contudo, é a região mais populosa e rica do país. E foi com o objetivo de explorar aspectos ligados à economia, cultura e costumes do local que o Colégio Franciscano Nossa Senhora das Graças, em São Gonçalo, promoveu a quinta *Mostra de Cultura*. Das primeiras vilas no litoral, fundadas por portugueses, ao povoamento do interior com os bandeirantes; dos caminhos do ouro às fazendas de vastas plantações de cana-de-açúcar e de café, tudo foi motivo de pesquisas feitas pelos alunos do primeiro e do segundo segmentos do Ensino Fundamental.

A turma do 1º ano reviveu a história de Minas Gerais, conhecendo a origem do ouro e seus recursos. No estande, os alunos mostraram um pouco do que aprenderam sobre as expedições de bandeirantes na busca das riquezas minerais. Eles aproveitaram também para mostrar um pouco da variada culinária mineira.

O 2º ano enfocou o carnaval carioca, com painéis retratando o Sambódromo e a Cidade do Samba. “Com a colaboração dos pais, as crianças foram descobrindo todo o universo cultural que envolve não apenas os desfiles na Marquês de Sapucaí como também os blocos de rua, que resgatam um pouco dos carnavais do passado”, explica a professora Eliane Moreno.

Os alunos do 3º ano ficaram encarregados de pesquisar sobre a Lapa, berço da boemia carioca, e outros pontos turísticos da cidade como o Jardim Botânico, o Cristo Redentor, a praia de Copacabana e o Maracanã. “As pesquisas despertaram nos alunos o amor pela cidade e a valorização do nosso patrimônio”, afirma a professora Joice Dias Soares. Os estudantes do 4º ano destacaram a importância dos barões do café na transformação de São Paulo e do Brasil.

De acordo com a professora Janaine Borges, o trabalho foi direcionado para que a turma percebesse a importância do ciclo do café. “Os alunos compreenderam a evolução histórica e a força econômica que



Os visitantes tiveram a oportunidade de acompanhar o desempenho dos alunos durante a explanação dos assuntos abordados

impulsionou a região paulista. Após a coleta de material, incentivamos a turma a ampliar o conhecimento adquirido, fazendo uma ponte entre o passado e o presente. Ao final, os estudantes construíram uma maquete para representar as fazendas cafeeiras em dois períodos: logo no início do século XVIII, com a utilização da mão de obra escrava, e depois, com a chegada dos imigrantes”, conta.

Os alunos do 5º ano exploraram o vocabulário popular do Espírito Santo e ficaram surpresos com a quantidade de palavras usadas no dialeto capixaba. Os visitantes da mostra tiveram a oportunidade de participar de um jogo para descobrir o significado de alguns desses termos. “É incrível como os habitantes de um Estado vizinho ao nosso falam de modo tão diferente. É por isso que o nosso país é tão belo e diversificado”, declara a aluna Maria Aparecida.

Os alunos do 6º ano se dividiram em três grupos para abordar a economia, a cultura, a arte e a culinária de Minas Gerais. Ana Cristina, professora de Geografia, trabalhou em sala de aula o processo migratório e os recursos minerais do estado. O professor de Matemática, Alan da Silva Almeida, coordenou a elaboração de gráficos a partir de dados da economia mineira.

No estande do 7º ano os alunos colocaram em discussão o processo de urbanização do Rio de Janeiro e a infraestrutura da cidade para sediar atividades esportivas. A turma também pesquisou o manguezal, ecossistema costeiro de transição entre os ambientes terrestre e marinho, que foi escolhido por ser normalmente marginalizado, em função do odor característico, resultante da grande quantidade de matéria orgânica em decomposição. “Mas esse ambiente é na verdade um berçário natural que permite o desenvolvimento de peixes e crustáceos”, justifica a professora de Biologia Ana Cláudia de Andrade Almeida.

Os alunos do 8º ano falaram da diversidade cultural capixaba. Segundo a professora de Língua Portuguesa Priscila Duarte, o trabalho possibilitou aos alunos a descoberta de peculiaridades sobre um estado que é o menos conhecido do Sudeste. Ao 9º ano coube a missão de retratar fatos que marcaram a história de São Paulo. Um grupo montou um jogo em que os participantes, à medida que percorriam um tabuleiro, aprendiam um pouco mais sobre o desenvolvimento econômico e industrial paulista. Outro grupo se



A instalação de unidades de polícias pacificadoras em comunidades do Rio e a importância dos manguezais foram alguns dos muitos temas tratados pelos estudantes



encarregou de falar da Semana de Arte Moderna. “Através de pesquisas e de discussões em sala de aula, elaboramos uma forma de o visitante percorrer um ambiente que lembrasse o clima daquele evento, ocorrido em fevereiro de 1922”, declara o professor de Língua Portuguesa Maurício José Lourenço.

Na avaliação da coordenadora pedagógica da escola, professora Marleide Gomes, as mostras anteriores comprovam que o trabalho com projetos é salutar para a vida acadêmica do aluno. “O fato de o estudante se preparar para uma apresentação em que todos os olhares se voltarão para ele desperta o senso de responsabilidade e de trabalho em equipe. Ele sente o seu esforço recompensado com a presença de todos que formam a comunidade escolar. Com isso, a cada ano, a mostra vem se solidificando como um momento especial na vida de todos nós, educadores, pais e alunos”. ■

Colégio Franciscano Nossa Senhora das Graças
Estrada do Pacheco, 216 – Lagoinha – São Gonçalo/RJ
CEP: 24731-222
Tel.: (21) 2701-2785
E-mail: congregacao@cnoassasenhoradasgracas.pt
Diretora: Irmã Maria Lúcia Silva
Fotos: Marcelo Ávila



Embarcando na Estação Poesia

Poemas são utilizados para estimular o prazer pela leitura

Marcela Figueiredo

A riqueza dos textos, das palavras e das rimas de grandes poetas da nossa literatura foi utilizada pelos professores da Escola Municipal Hauler da Silva Ferreira no projeto *Embarcando na Estação Poesia*. O objetivo foi estimular a leitura por parte dos alunos fazendo com que eles sentissem prazer com os textos. Poesias de autores consagrados como Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Olavo Bilac e Vinicius de Moraes foram utilizadas. No projeto, cada “estação” era representada por um autor e as turmas apresentavam, além da poesia, um resumo da obra do escritor, sua biografia e uma música que ilustrasse o trabalho.

Desde que começou a colaborar na escola, há três anos, a orientadora pedagógica Hilda Santos sentiu a necessidade de trabalhar de forma que os estudantes sentissem prazer pela leitura e pela escrita. Pensando nisso, começou a propor formas diferentes de ensino/aprendizagem. “Houve um período em que todas as quartas-feiras os alunos recitavam poesias para os amiguinhos de classe, mas este ano nós fizemos um trabalho diferente para que não só a turma deles presenciasse, mas toda a escola e também os pais”, conta Hilda.



Maria de Fátima Vianna foi assistir a apresentação de duas alunas, Natasha, do primeiro ano, e Natália, sua sobrinha da classe de alfabetização, e acredita que o projeto ajudou no desenvolvimento da menina de cinco anos. "Antes, a Natália era muito retraída, quase não falava com as pessoas, mas esses projetos ajudam as crianças a se desenvolver e aprender a se comunicar". Ela também acha importante que seja incentivada a presença dos pais na escola, pois para ela "os alunos se sentem prestigiados".

Para fazer com que a leitura ficasse ainda mais interessante, os professores recorreram a outros recursos além dos poemas. Trabalharam com ilustrações, dobraduras, caricaturas e cartazes. "A leitura tem que ser prazerosa. O que faz o aluno ler é o criativo, o dinâmico, o divertido. É isso que a gente procurou fazer", conta a professora Tânia dos Santos,



Alunos do Ensino Fundamental fazem uso de roupas e acessórios para representar os mestres da poesia brasileira

que utilizou o Hino da Bandeira e outros poemas para apresentar aos estudantes o civismo em Olavo Bilac.

Alfabetizada com as poesias de Cecília Meireles, a professora Cristiane da Silva utilizou o mesmo recurso com seus alunos. Durante o processo de trabalho ela pôde perceber que os estudantes se identificam com diferentes tipos de textos e têm interesse pela biografia dos autores. "O mais importante é a gente estimular a leitura. A criança gosta de rima e isso já ajuda a explorar a poesia. Minha alfabetização foi riquíssima e apaixonante, com os textos da Cecília, e foi um prazer utilizá-los para trabalhar com os meus alunos".

A música é um instrumento do qual a professora Roberta Lopes afirma sempre fazer uso nas suas aulas. As composições de Bia Bedran, cantora conhecida por suas obras para o público infantil, foram escolhidas para a apresentação da sua turma do segundo ano. Ela justifica a utilização de canções enumerando seus benefícios: "A música trabalha o corpo, a escrita, a interpretação. Isso possibilita que a alfabetização seja mais consistente". Onze turmas do Ensino Fundamental participaram do projeto. A primeira "estação" representou Manuel Bandeira, seguido de Elias José, Ruth Rocha e Vinicius de Moraes, passando pela música de Bia Bedran e encerrando com os poemas de José Paulo Paes, Maria Mazzette e Olavo Bilac. ■



Escola Municipal Hauler da Silva Ferreira
Rua São Pedro nº 108 – Miguel Couto – Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26070-449
Tel.: (21) 2886-6182
E-mail: emprof.haulerdasilvaferreira@hotmail.com
Fotos: Tony Carvalho



VIII CAFÉ LITERÁRIO

MALBA TAHAN
FUNDAMENTO MATEMÁTICA

Fantasiando a Matemática

A união da Literatura com a Matemática despertou o interesse dos alunos por essas duas áreas de conhecimento

Poemas são utilizados para estimular o prazer pela leitura

Tony Carvalho

Ele ficou famoso no Brasil e no exterior por seus livros de recreação matemática escritos em forma de fábulas e lendas passadas no Oriente. Sua obra mais conhecida, *O Homem que Calculava*, é uma coleção de problemas e curiosidades matemáticas apresentada sob a forma de narrativa das aventuras de um calculista persa à maneira dos contos de *Mil e Uma Noites*. Seu nome é Júlio César de Mello e Sousa, mas ficou conhecido como Malba Tahan, escritor e professor pioneiro no ensino da Matemática de forma lúdica e prazerosa. Tahan foi o tema do *VIII Café Literário*, promovido pelos alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental da Escola Estadual Dom Bosco, em Queimados.

A orientadora tecnológica Maria Teresa Calabretta coordena o projeto na escola e considera que foi bastante positiva a ideia de unir a Literatura com a Matemática, possibilitando uma produção variada de atividades. "Essa mistura fez com que os alunos encontrassem um caminho criativo para retratar o autor

e os personagens da obra através de encenações, produções de textos, cartazes e leitura de poesias inspiradas no uso da Matemática", explica.

Erick Alberto é professor da disciplina no programa *Mais Educação*, que funciona em paralelo ao ensino regular e tem o objetivo de contribuir para a melhora de rendimento dos alunos. Ele revela que o livro *O Homem que Calculava* foi o grande responsável pelo seu ingresso no mundo dos números. "Eu nunca me imaginei como professor de Matemática, mas quando li esse livro descobri o quanto pode ser maravilhoso o ensino dessa matéria, que é abordada ali sob uma visão lúdica, o que aliás é tema das minhas teses de graduação e de mestrado. Geralmente, a criança pega um trauma pela disciplina em função da forma como ela é apresentada. Contudo, quando se ensina a Matemática por meio de atividades lúdicas, os resultados são surpreendentes. Toda criança gosta de brincar. Se ela for estimulada a participar de brincadeiras com números, certamente passará a gostar da disciplina",



afirma. Durante o *Café Literário*, Erick montou uma tenda com jogos que estimulavam o uso do raciocínio lógico na solução de problemas.

Além de encenações e produções textuais inspiradas no uso da Matemática, os alunos montaram uma tenda com jogos que estimulam o raciocínio lógico

Para o desenvolvimento do projeto, cada turma abordou um capítulo do livro de Malba Tahan. Enquanto os professores de Matemática trabalhavam com os cálculos que iam surgindo na história, os de Língua Portuguesa enfocavam a gramática e os recursos linguísticos explorados pelo autor. Simultaneamente, os docentes de Educação Artística e das demais disciplinas auxiliavam os alunos na produção de cartazes e dramatizações. "É gratificante perceber que toda a escola participou ativamente do projeto e verificar o quanto os alunos se envolveram", declara a orientadora pedagógica Marlene dos Santos Silva. Para a coordenadora do *Mais Educação*, Rosângela Mota Lunas, os jovens trouxeram para o programa todo o interesse despertado nas aulas curriculares. "Eles queriam saber cada vez mais sobre a história de Malba Tahan, trazendo dúvidas e curiosidades para as instrutoras", conta.

A professora de História, Mônica dos Santos Gonçalves, acrescenta que, com a interdisciplinaridade, o *Café Literário* ganhou uma dimensão maior possibilitando a inclusão de aspectos da cultura

Uma das poesias recitadas por alunos no evento:

Momentos

Alunos: José Rodrigo e Eliezer (6º ano)

Cheguei ao quadro e peguei no giz
Do nosso amor fiz uma equação.
Andei depois às voltas com o X,
Do teu desconhecido coração.
Desejava somente conhecer
O valor da incógnita querida,
P'ra que então pudesse resolver
O problema maior da minha vida.
Da fórmula geral do nosso afecto,
Comecei a fazer deduções...
E – podes crer – meu fito predilecto,

árabe, já que o autor utiliza o Oriente Médio como cenário de suas histórias. De acordo com a diretora-geral da escola, Eunice Diniz, ao longo desses oito anos de projeto, já foi possível observar resultados significativos no desempenho dos alunos: "A nossa sala de leitura vem sendo mais frequentada, o que demonstra que o hábito saudável da leitura está se propagando entre as turmas", destaca.

O evento contou com a presença do neto de Malba Tahan, o professor de História André Pereira. Emocionado com a homenagem, ele declarou que a luta de seu avô, por uma matemática prazerosa, continua viva em todas as salas de aula do Brasil e do mundo. André aproveitou para falar do lançamento do *site* www.malbatahan.com.br, onde mensalmente será postado um desafio matemático para jovens e adultos. Quem conseguir solucioná-lo ganhará um livro como brinde.

Escola Estadual Dom Bosco
Rua Antônio Grande, s/nº – Bairro Valdariosa –
Queimados/RJ
CEP: 26311-190
Tels.: (21) 3698-5266 / 2665-8011
E-mail: eedombosco@ig.com.br
Diretora-geral: Eunice da Silva Diniz
Fotos: Tony Carvalho

Era igualar as nossas afeições.
Queria reduzir à unidade
As nossas almas, porque os meus intentos,
Eram apenas pôr em igualdade
As expressões dos nossos sentimentos.
Mas, ao chegar às deduções finais,
Eu pude ver então, nesse comenos,
Que o meu afecto tinha o sinal +
E o teu, formosa ingrata, o sinal -.

Júlio Dias Nogueira (1939)



É tempo de ler

História infantil salta das páginas dos livros e passa a fazer parte do dia a dia dos alunos

Marcela Figueiredo



O projeto *Menina Bonita do Laço de Fita* baseou-se no livro de mesmo nome de uma das autoras infantis mais conhecidas da literatura brasileira, a escritora Ana Maria Machado, cuja obra já foi traduzido para várias línguas. Na turma do segundo ano da Escola Municipal Atenas, a história da menina negra que tinha a cor da pele invejada por um coelhinho foi explorada até os últimos detalhes e serviu de instrumento pedagógico nos trabalhos de Língua Portuguesa, Matemática e diversidade cultural.

Durante quatro dias o livro foi totalmente esmiuçado. Primeiro reservou-se um tempo para reflexão sobre as questões de descendência, e

as crianças foram levadas a pensar sobre quem eram as pessoas com as quais se pareciam. Em seguida, a professora fez a leitura do livro e exibiu um vídeo que fala sobre a autora e que também conta a história. Neste momento a responsável pelo projeto, Carla Medeiros Brum, aproveitava para fazer interferências com perguntas do tipo: “Como é a menina?” e “Por que o coelho queria mudar de cor?”.

O objetivo do trabalho foi desenvolver de forma prazerosa as habilidades de leitura e de escrita dos alunos do segundo ano, além de encarar questões relacionadas ao preconceito étnico, diferenças e respeito. Carla destaca que são poucos os livros infantis que falam de personagens negros valorizados no contexto da leitura. Para ela, esta obra é interessante para se abordar na escola porque trata de questões como gênero, raça, valores e cultura. “Eu já conhecia este trabalho da Ana Maria Machado. Como a questão racial e a abordagem da cultura afro-brasileira fazem parte do currículo, escolhi este livro porque ele resgata a autoestima e a cultura do negro”, esclarece a professora.

O trabalho desenvolvido não ficou restrito à leitura do livro e exibição de vídeo. Também foi abordado o processo de escrita e formação das palavras existentes no título, as sílabas que as compõem, a quantidade de letras em cada uma delas. Além disso, aplicaram-se exercícios para

Alunos criam personagens e narrativas a partir do uso da massa de modelar

Veja o passo a passo do projeto:

Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos

Com quem a gente se parece?
Todas as pessoas são iguais?

Leitura do livro e interferências

Como são a menina, o coelho e a mãe?
Por que o coelho queria mudar de cor?
O que ele fez?

Apresentação da história da autora e do livro através de outra mídia. Neste caso, foi utilizado vídeo disponível na internet.

Trabalho de leitura, escrita e interpretação.

Peça para que os alunos formem palavras diferentes com as letras que iniciam as palavras do título do livro; lembrar as sílabas.

Peça para que eles contem a história através de faixas que deverão ser coladas de acordo com a ordem dos acontecimentos no livro.

Compare junto com os alunos as características das personagens.

Pedir para que os alunos recortem de jornais e revistas palavras que contenham a letra que se deseja trabalhar. Neste caso foi trabalhada a letra H, presente na palavra "coelho".

Peça para que os alunos substituam palavras contidas em frases do livro pelos pronomes "ele" ou "ela".


Exemplo:

A menina inventou várias maneiras para o coelho ficar pretinho.

O coelho tomou café.

desenvolver a criatividade e a coordenação motora dos estudantes. Todas as atividades faziam referências à história do livro.

Para focar a questão da diferença racial, a professora pediu aos alunos que comparassem as características da menina com as do coelho e em seguida solicitou que cada um descrevesse suas próprias características. Em casa, eles deveriam procurar imagens de pessoas fisicamente diferentes e levá-las para a escola, onde foi elaborado um cartaz coletivo com a frase "Diferenças: não basta reconhecê-las, é preciso respeitá-las".

Para trabalhar a coordenação motora e as habilidades artísticas dos estudantes a professora distribuiu massa de modelar durante a aula e pediu para que eles criassem as personagens do livro. Sobre o desenho da menina, os alunos deveriam pintar seus cabelos e colar neles fitas usando papel crepom. Uma homenagem às mães foi preparada pelas crianças, que dramatizaram a partir das situações contadas na obra. Na opinião da professora o resultado foi positivo: "Hoje eles se respeitam mais e demonstram grande interesse pela história apresentada através de outra linguagem", avalia Carla Brum. 



Trabalhos de artes

Elabore trabalhos de pintura, modelagem, colagem e desenhos tendo como tema as personagens do livro.

Peça para que os alunos recortem de jornais e revistas fotos de pessoas diferentes e elaborem um mural que retrate essa pluralidade. Exponha o trabalho.

Promova a encenação da história do livro. Pais e responsáveis podem ser convidados.





Alunos utilizam massa de modelar para confeccionar personagens inspirados no livro *Menina Bonita do Laço de Fita*

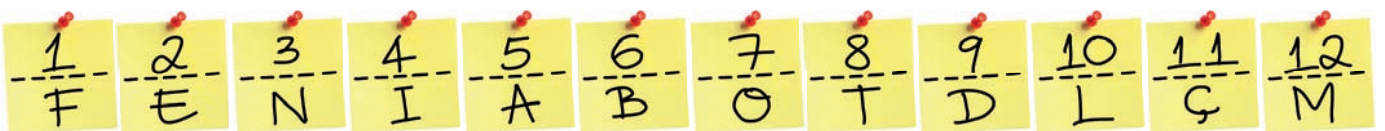


Exercícios de Matemática

Quantidade de palavras do título? Quantidade de letras de cada palavra?

O coelho, na tentativa de ficar na cor da menina, tomou cafezinho durante toda a noite. Separe a turma em grupos e, sem que eles vejam, espalhe copinhos de café pela sala de aula. Em seguida peça para que encontrem os copos. Solicite que os próprios alunos façam a contagem e o registro de quem pegou mais, menos e quais foram as diferenças numéricas entre os grupos. Elabore gráficos com esses resultados.

Estabeleça uma relação entre números e letras. Peça para que os alunos formem palavras com a sequência numérica preestabelecida. Exemplo:



Escola Municipal Atenas
 Rua Gentil de Ouro, s/nº – Inhoaíba – Campo Grande – Rio de Janeiro/RJ
 CEP: 23064-140
 Tels.: (21) 3377-5397 / 3394-1909
 E-mail: ematenas@rioeduca.net
 Diretora: Marcia Barros Salgado
 Fotos cedidas pela escola



lições que todos devem esquecer

John Taylor Gatto é um dos educadores mais respeitados dos Estados Unidos. Em seu livro *The Seven-Lesson School Teacher* (inédito no Brasil), ele mostra o que os mestres realmente ensinam a seus estudantes. Prepare-se, pois são lições nada agradáveis.

1ª lição – Confusão

As escolas tentam ensinar muita coisa ao mesmo tempo. São dezenas de matérias competindo pela atenção do aluno. E o pior, cada uma delas é estanque em si, fora do contexto, sem relação com as demais.

Possível solução – A interdisciplinaridade, tão decantada e elogiada em lei, deve ser cada vez mais utilizada.

2ª lição – A parte que te cabe nesse latifúndio

Todo ano, o aluno é colocado em uma classe. Para isso, são utilizados conceitos tão lógicos como a ordem alfabética ou a data da matrícula. Não importa se o estudante não se sente bem com os outros colegas, se seus amigos estão na outra turma, se a sala ao lado tem uma grade curricular que faz mais sentido para ele. Engula, pois transferências de turma só são aceitas em duas ocasiões: se alguém da outra turma quiser trocar também, ou em casos gravíssimos de comportamento (premia-se os bagunceiros?). Se a outra turma parece melhor, suspira-se e aceita-se o fato.

Possível solução – Use o bom senso. Se sua escola tiver mais que uma turma em qualquer classe, deixe cinco vagas disponíveis para transferências em cada uma. Se determinada classe apresentar um grande desejo de êxodo, bom, ali há um problema. Descubra-o e tome as providências cabíveis.

3ª lição – Indiferença

Os alunos aprendem a não se importar com qualquer assunto. Quando o sinal bate, eles param o que quer que estejam fazendo e se preparam para a próxima aula. Espera-se que crianças de dez, doze anos disponham de um botão de liga/desliga. Ao ouvir o sinal, esquece-se tudo sobre determinada matéria, vamos para outra, sem opções. Sabe o telefone que toca no melhor do filme/novela? Pois é, seus discípulos convivem com isso diariamente. A lição que isso passa para eles é que nenhum trabalho, nenhum raciocínio merece ser concluído: o horário é onipotente. E é com essa visão que eles estarão no mercado de trabalho daqui a uns anos.

Possível solução – Em vez da parada abrupta, crie um sistema de “semáforo” em sua escola. Um “sinal amarelo” daria tempo para eles – e o professor – concluir pensamentos e tarefas. Dez minutos depois, um “sinal vermelho” indicaria o fim da aula.

4ª lição – Dependência emocional

Nota vermelha e conceitos para comportamentos, castigos, recompensas e a imagem do “bom aluno” ensinam as crianças a desistir de sua vontade própria e depender da autoridade. Em pouco tempo, aprendem a lição de que o bom aluno espera que o professor diga a ele o que fazer. O conformismo triunfa, enquanto a curiosidade é abandonada.

Possível solução – Dê espaço para seus alunos se manifestarem, fazerem perguntas, questionarem.

5ª lição – Autoestima mensal e externa

O que o aluno pensa sobre si mesmo depende da opinião de outra pessoa, um *expert* que dá as notas nos testes e nos boletins. Uma prova de Matemática, corrigida em dois minutos, é a causa de uma crise familiar e de identidade.

Possível solução – Elogie vários fatores, não apenas as boas notas. Boa oração, facilidade em comunicação, entre outras.

6ª lição – O Grande Irmão está vigiando você

Seus alunos estão sempre sob vigilância, dentro e fora da sala de aula. Não há espaço e tempo para assuntos e necessidades particulares. Segundo o autor, até mesmo o período entre uma aula e outra é apertado, para evitar conversas contraproduativas. Há monitores durante o intervalo. E, uma vez que se cruza o portão da escola, a vigilância continua na forma de tarefa de casa. Parênteses: alguém aí teve a maravilhosa experiência de receber, no primário, aqueles calhamaços chamados “tarefa de férias”? Pois é. Enfim, isso tudo é feito para dar à molecada menos tempo para aprender coisas novas com seus pais, avós ou alguma pessoa interessante da vizinhança. Afinal, para que contaminar a matéria de nossas aulas com experiências de fora?

Possível solução – Valorize, em suas aulas, a experiência prévia de seus alunos. Utilize fatos do dia a dia deles para explicar novos conceitos.

*Matéria extraída da Revista Profissão Mestre, novembro de 2001, ano 3 / nº 26.



Ser sustentável: uma lição de cidadania

Tony Carvalho

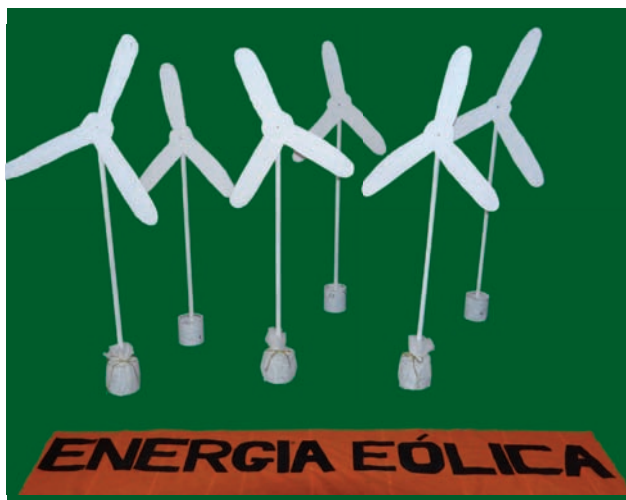
Viver com sustentabilidade é usufruir o que se tem sem prejudicar as gerações futuras, utilizando somente os recursos necessários, sem desperdício, promovendo o melhor para as pessoas e para o ambiente. Essa lição de cidadania e de respeito à natureza foi muito bem assimilada pelas crianças da Educação Infantil e do primeiro segmento do Ensino Fundamental do Centro Educacional Lúcia Freitas, em São João de Meriti. O assunto foi o fio condutor da sétima edição da *Feira do Conhecimento*.

Cada uma das 11 turmas da escola montou um estande para demonstrar aos visitantes da feira um pouco de tudo que aprenderam sobre a preservação dos recursos naturais, a redução do uso de matéria-prima e as pequenas ações que cada um pode fazer no seu dia a dia. Enquanto as turmas da Educação Infantil se concentraram nas atitudes que podem contribuir para o reflorestamento do planeta, o Ensino Fundamental



dividiu as tarefas: o 1º ano abordou a reciclagem, enquanto o 2º englobou todo tipo de poluição, com ênfase nas mudanças da atmosfera que causam impactos ao meio ambiente e à saúde humana.

Os alunos do 3º ano enfocaram a poluição das águas e as várias consequências que isso ocasiona. Já o 4º ano destacou as energias hídrica, eólica e solar, que são fontes sustentáveis consideradas o caminho para se reduzir a emissão de gás CO₂. E o 5º ano apresentou ideias sustentáveis para salvar o planeta, dando aos visitantes dicas de como fazer para amenizar os efeitos nocivos ao ambiente.



O Brasil tem um dos maiores potenciais eólicos do planeta.

O vento gira uma hélice gigante conectada a um gerador que produz eletricidade. Quando vários mecanismos como esse - conhecido como turbina de vento - são ligados a uma central de transmissão de energia, temos uma central eólica. A quantidade de energia produzida por uma turbina varia de acordo com o tamanho das suas hélices e, claro, do regime de ventos na região em que está instalada.

Fonte: Planeta Sustentável. Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/educacao/conteudo_224740.shtml> de 26/01/2012.



Através de atividades práticas e lúdicas, as crianças aprenderam que sustentabilidade é um processo de reeducação e de mudanças de hábitos para a diminuição dos danos causados à natureza

A coordenadora pedagógica, professora Maria Luiza Nolasco, assegura que o projeto foi levado muito a sério pelas crianças. “Desde o início dos trabalhos, os alunos demonstraram um grande interesse em aprofundar o assunto e levar para suas famílias os conhecimentos adquiridos. Temos exemplos de mães que deram testemunhos revelando a preocupação das crianças com o desperdício de água, de energia e com a coleta de lixo”, afirma. Maria Luiza também lembra que o projeto incentivou debates entre os

alunos. “Toda sexta-feira reuníamos as turmas e uma delas expunha para as demais os resultados das pesquisas feitas, além de promover algum tipo de atividade. O 5º ano, por exemplo, apresentava uma ideia sustentável para ajudar o planeta, enquanto o 4º ano produzia paródias, enfim, era um momento em que todos tinham a oportunidade de mostrar o que foi assimilado e de aprender ainda mais com os outros alunos da escola”, complementa.

Para Carmem Lúcia de Freitas, diretora-geral, o projeto contagiou toda a comunidade escolar. Na sua avaliação, o objetivo foi alcançado plenamente. “Através dessa feira, plantamos sementes que darão frutos. Fala-se tanto de sustentabilidade, mas não são passadas para as crianças as coisas mais simples que elas próprias podem fazer. O projeto ajudou a inserir essas ideias que, certamente, serão multiplicadas no núcleo familiar”, finaliza.



Centro Educacional Lúcia Freitas
Rua Lourenço Campos, 12 – Vila Tiradentes – São João de Meriti/RJ
CEP: 25520-711
Tel.: (21) 2656-7583
E-mail: celuciafreitas@live.com
Diretora-geral: Carmem Lúcia de Freitas
Fotos: Tony Carvalho



Trabalho em grupo

Colégio desenvolve atividade para estimular a integração na escola

Marcela Figueiredo

Fazer a Diferença foi o lema da gincana realizada no Colégio Ricardense. A atividade envolveu os cerca de 500 alunos em uma disputa que exigiu criatividade, dedicação e espírito de solidariedade. Os estudantes foram divididos em quatro grupos, e alunos de diferentes séries podiam fazer parte de uma mesma equipe, o que facilitou o alcance de um dos objetivos da gincana: a integração entre os estudantes.

“Nós decidimos organizar o trabalho porque percebemos que seria uma maneira de integrar toda a escola, diferentemente das atividades esportivas, em que só os melhores participam”, explica Gustavo Jorge, professor de Educação Física e coordenador da atividade. As tarefas foram repassadas aos estudantes com um mês de antecedência. Inicialmente divididas em cores, as equipes tiveram como primeiro desafio a escolha de um nome, um mascote e um grito de guerra. A equipe verde optou por “Defensores do Verde”; a vermelha, por “Guerreiros do Amor”. “Bomba Atômica” foi o nome escolhido pela equipe amarela, e a azul ficou com “Dragão Azul”.

Todas as atividades foram avaliadas por um grupo de jurados, e a equipe vencedora estaria isenta de uma das avaliações bimestrais. Com tamanho incentivo, os alunos não mediram esforços para cumprir todas as atividades. Os estudantes também tiveram que produzir um vídeo sobre o Colégio Ricardense, que este ano completa 55 anos de existência. Para executar a tarefa com êxito

Mesmo tendo a competitividade como cenário, as equipes mostraram que o trabalho em grupo não só produz bons resultados, mas acima de tudo integração e cooperação



eles promoveram um resgate histórico da instituição e entrevistaram funcionários.

Houve ainda a tarefa solidária, em que a equipe que arrecadasse a maior quantidade de alimentos ganhava a pontuação. Ao todo foram recolhidos 730 quilos de alimentos não perecíveis. Tudo será doado a instituições de caridade. As outras tarefas foram: criação de paródia, desfile de moda, apresentação de dança, número de mágica e invenção de roupa com material reciclável.

Com atividades que despertam o espírito competitivo, responsabilidade e solidariedade a escola busca fazer a diferença na vida de seus alunos. O que já se reflete com Victoria Monteiro, do 9º ano, que apresenta uma característica muito bem desenvolvida e administrada: a liderança. A estudante, que já está há 12 anos no Ricardense, esteve à frente da "Defensores do Verde", a equipe campeã da gincana. A menina descobriu rápido os segredos de uma liderança de sucesso: "O líder deve ter espírito de equipe. Foi difícil fazer os outros participantes acreditarem que era importante cumprir todas as tarefas, mas o melhor é ver o resultado final", resume a aluna.

Colégio Ricardense
Rua Rubens Soares, 40 – Ricardo de Albuquerque – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21640-180
Tels.: (21) 3339-4534 / 3012-5524
E-mail: ricardense@uol.com.br
Direção: Ângela Jorge
Fotos: Marcelo Ávila



Estudantes apresentam número de mágica e móvel feito com material reciclado



Desafio: criar e apresentar para o público o mascote das equipes





China e Brasil

Diversidade cultural ajuda a construir conhecimentos

Sandra Martins

Que semelhanças existem entre a cultura chinesa e a brasileira? Qual o idioma mais usado pelos turistas? Há algum tipo de censura nos programas de TV? Estas foram algumas das perguntas feitas pelos alunos do 3º ano do Colégio São José do Instituto Vianna Junior, em Juiz de Fora (MG), durante o desenvolvimento do projeto *China*.

A proposta de se fazer uma atividade sobre um dos parceiros econômicos do Brasil, cuja capital, Pequim, foi sede dos Jogos Olímpicos de 2008, sur-

tiu da necessidade de responder à curiosidade dos alunos pela história e cultura chinesas. Curiosidade ampliada quando a professora Tatiane Rosa revelou ter morado, por quase um ano, na cidade de Dongguan, no sul do país, na província de Guangdong. “Percebi que o interesse continuava e resolvi fazer esse projeto”, afirmou.

Inicialmente, a professora comentou como era sua vida lá, o estilo da casa, da vizinhança, e depois falou algumas palavras em Mandarim, idioma oficial. Mostrou alguns documentos em chinês, como a car-



teira de motorista de seu marido e o exame pré-natal – Tatiane engravidara enquanto vivia no país. Ao apresentar um livro bilíngue – chinês e inglês – resolveu convidar Jacqueline Costa, professora de Inglês, para participar do projeto. Convite aceito, as duas desenvolveram as linhas mestras do projeto *China*, cuja ideia central baseou-se na apresentação de alguns aspectos da cultura da nação asiática e sua relação com a cultura brasileira, na busca, sempre que possível, de aproximação entre as realidades dos dois países.

Para enriquecer os relatos sobre sua vivência em Dongguan – cidade que, segundo estimativas da nossa Embaixada em Pequim, acolhe mais de dois mil brasileiros –, Tatiane mostrou inúmeras fotos de pontos turísticos e do cotidiano da sociedade chinesa. Segundo a professora, por estar posando em algumas fotos, as crianças ficavam encantadas: “Isso as aproximou muito da realidade de lá”. Uma das curiosidades pontuadas pela docente diz respeito ao hábito de cuspir: “Chineses cospem em qualquer lugar, pois, para a medicina tradicional chinesa, é danoso engolir a saliva”.

Os alunos, com idades entre 8 e 9 anos, gostaram de trabalhar com o alfabeto chinês, especificamente com as letras: “é muito diferente do nosso, mas ao mesmo tempo encantador”, disse a professora, lembrando que os jovens praticaram muito a questão da localização dos dois países e sua visualização nos mapas.

A menção à China nos remete ao horóscopo e ao dragão. O primeiro, bem diferente do ocidental, tem como representação doze animais: rato, boi, tigre, coelho, dragão, serpente, cavalo, carneiro, macaco, galo, cão e porco. Estes nomes foram trabalhados em inglês, assim como o de algumas frutas. Já o dragão é identificado com o próprio país. Para os chineses, ser um descendente do Dragão é motivo de orgulho,

pois ele simboliza o poder e a valentia, o heroísmo e a perseverança. Também orgulhosos ficaram os estudantes ao confeccionarem seu dragão chinês.

A cada ponto esclarecido, outros questionamentos surgiam, o que para Tatiane foi de extrema gratificação, ante o vivo interesse das crianças em cada atividade, em cada aula. “Elas pesquisavam por conta própria, e tudo o que liam e escutavam sobre a China comentavam em sala de aula”. Essa situação facilitou muito o processo avaliativo feito por meio da observação e participação dos estudantes nas atividades propostas durante o projeto. ■

Colégio São José do Instituto Vianna Júnior
Conveniada à Rede Salesiana de Escolas
Rua Nossa Senhora de Fátima, 142/201 – Bairro
Nossa Senhora de Fátima – Juiz de Fora/MG
CEP: 36036-530
Tels.: (32) 3213-7856 / 9925-2505
Professoras: Tatiane Rosa e Jacqueline Costa
E-mail: tatiane116@hotmail.com

A comparação
entre as culturas
oriental e ocidental
foi um dos pontos
mais interessantes
das atividades



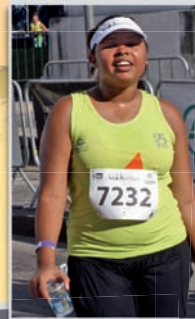
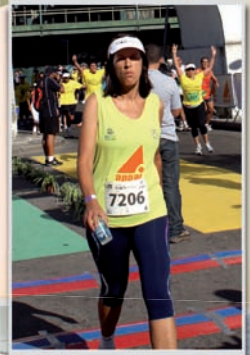


Uma nova história narrada pelos passos do Rio Antigo

Antônia Lúcia

Centenas de associados da Appai inscritos na corrida do Circuito Light Rio Antigo conheceram um pouco mais da história brasileira, durante o percurso de 5 e 10 km da etapa Lapa. Como se estivessem num grande museu a céu aberto, os apaixonados por uma vida saudável, misturados aos atletas de elite, a cada curva tinham um novo encontro com a história do Rio descrita através das praças, museus, teatros, monumentos e prédios históricos. Na largada, os Arcos da Lapa impunham o ritmo tanto para os que apenas caminhavam como para aqueles que, mesmo sem asas, voavam no asfalto.

Os primeiros a cruzarem os Arcos nos 5 km foram os corredores Paulo Machado e Juliana de Souza, ambos da equipe Appai. Já nos 10 km, a vitória foi da dupla José Frazão e Gisele de Jesus, elevando mais uma vez o nome da Equipe da Associação dos Professores ao pódio. Na tenda da Appai, além de uma relaxante sessão de massagem, uma atraente mesa com frutas, sucos, cereais e muita água recepcionava os professores, beneficiários e funcionários.





Que palavra é essa?! 1ª Parte

Sandro Gomes*

Em oportunidades anteriores abordamos aqui a palavra **se**, com os seus variados usos em nosso idioma. Agora é a vez de outra grande campeã de tarefas em Língua Portuguesa: o **que**. Como vamos ver, poucas são as funções gramaticais que essa palavra não pode desempenhar, de modo que a empregamos amplamente em nossos diversos usos linguísticos. Vamos lá.

Substantivo: ocorre sempre que o **que** puder ser substituído por *alguma coisa* ou *qualquer coisa*. Nesse caso a palavra aparece acentuada por circunflexo. Exemplo:

*Ela tem um **quê** (qualquer coisa) de mistério.*

Interjeição: agora o **que** realiza a função de exprimir uma emoção ou um estado de espírito. Nesse caso aparece seguido de sinal de exclamação e também recebe acento. Observe:

***Quê!** Ele faltou novamente?*

Preposição: realiza essa função quando aparece substituindo a preposição **de** em expressões verbais como *ter que* ou *haver que*. Veja:

*O estado é quem **tem que** (de) arcar com isso.
Há que (de) ter calma nesse momento.*

Advérbio: nesse caso o **que** intensifica o sentido de advérbios ou de adjetivos, podendo ser substituído por *quão* ou *muito*. Geralmente isso se dá em frases exclamativas. Acompanhe:

***Que** (quão) interessante é a natureza!
Que (muito) bem a escola fez ao menino!*

Partícula de realce ou expletiva: o **que** aqui aparece formando a construção **é que** e só é utilizado para dar ênfase ou realçar uma ideia, podendo até mesmo ser retirado da oração sem prejuízo do sentido original. Veja o exemplo:

*Eles é **que** fizeram bem. / Eles fizeram bem.
A ideia está presente mesmo sem o **que**.*

São vários os usos do **que** como Pronome. Observe:

Pronome Indefinido quando precedendo substantivos em frases exclamativas. Normalmente substitui o pronome *quanto* e suas variantes de gênero e número. Observe:

***Que** (Quanta) lambança!*

Pronome Interrogativo quando em frase que expresse indagação. Vem acentuado se estiver no final da oração.

Exs.:

***Que** acontecerá caso persista o erro?
Elas dizem sentir falta de **quê**?*

Pronome Adjetivo quando preceder e modificar adjetivos. Ex.: **Que** belo livro!

Repare que poderíamos construir a frase sem o **que** e mesmo assim a ideia principal estaria mantida (*Belo livro!*), mas o uso do pronome aumenta a expressividade do adjetivo e consequentemente de toda a frase.

Pronome Relativo quando se referir a um substantivo antecedente, podendo ser substituído por *o qual* e suas variantes de gênero e número. Veja:

*Li o livro **que** (o qual) me deram. / Muitas foram as incertezas **por que** (pelas quais) passamos.*

Amigos, na próxima edição continuaremos abordando esse assunto, pois a quantidade de usos do **que** na Língua Portuguesa não para por aqui, de modo que ainda há muito a dizer. Até a próxima, pessoal?

*Sandro Gomes é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, além de Revisor da Revista Appai Educar.

Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação da Revista Appai Educar, através do e-mail: redacao@appai.org.br.

Agora você tem bons motivos para atualizar seus dados cadastrais...



...e assim receber com rapidez informações, novidades sobre os benefícios, convites e ainda participar de concursos culturais.

Facilidades *on-line*:

Desde 1º de março de 2012 os seguintes serviços passaram a ser realizados preferencialmente através do Portal do Associado:

Solicitação de carteira social,
Solicitação de guia de benefícios,
Réplicas e 2ª via de boleto (Appai/
Agregado/Intermédica),
Declaração de Imposto de Renda do
ano anterior,

Indicações ao Divulgador,
Inscrições para Dança de Salão e bailes,
Inscrições para Palestras,
Inscrições para Caminhadas e Corridas,
Atualizações cadastrais.

Lendo ao Som do Vento

Direção escolar cria projeto pedagógico com objetivo de formar novos leitores

Marcela Figueiredo

Para superar as dificuldades de leitura e escrita dos alunos, uma série de atividades começou a ser desenvolvida há três anos na Escola Franciscana Santo Antônio da Prata. Círculos de leitura, investimento em novos livros e a mala viajante são algumas das práticas realizadas pelo corpo docente da instituição a fim de possibilitar um contato prazeroso dos estudantes com a produção literária.

Ao longo do ano, os alunos são estimulados a frequentar a biblioteca, ler bastante e discutir com os colegas de classe os assuntos abordados pelos autores. Para dar fechamento ao trabalho realizado no período, a escola convida os responsáveis para um café literário onde um livro é elaborado pelos estudantes e entregue aos pais. Para os pequenos o evento é de fato a festa de lançamento de uma obra literária da qual eles são os autores.

A ideia partiu da atual diretora pedagógica da escola, e a forma como o nome de uma das atividades foi escolhida não poderia ser mais poética. "Estava pensando em criar atividades que possibilitassem o aperfeiçoamento da leitura e da escrita dos alunos. Um dia, estava deitada na rede e um vento bom batia pelo meu rosto quando veio um *insight* que me levou a conceber esse projeto. Por isso o nome *Lendo ao som do vento*", explica Jole Pacheco.

O projeto *Café Literário – Lendo ao som do vento* é a culminância das atividades realizadas ao longo do ano pelos 530 alunos da escola. Cada professor desenvolveu um trabalho específico com suas turmas, respeitando o ano escolar dos estudantes, o desenvolvimento de cada um e o conteú-



Trabalhos dos alunos têm como tema o respeito ao próximo e a necessidade de preservar o meio ambiente





do das aulas. Alguns professores trabalharam com poesias, outros com biografias e houve também a produção de um livro de receitas. Todas as obras foram entregues aos responsáveis com o devido autógrafa do aluno/autor no dia da culminância.

Antes dos autógrafos e entrega dos livros, as turmas da Educação Infantil e 1º ano apresentaram números com músicas que falavam dos assuntos abordados pelos escritores estudados no decorrer do ano e, em seguida, levaram os responsáveis para exposição dos trabalhos feitos em sala de aula envolvendo temas relacionados a meio ambiente, mundo e família.

Já os alunos das séries mais avançadas, além das apresentações com músicas, fizeram a leitura de textos produzidos por eles mesmos e de poesias de autores consagrados como Carlos Drummond de Andrade, Olavo Bilac, Clarice Lispector e Mário Quintana. "Quando a pessoa lê se desenvolve, passa a criar mais, deixa de rastejar para decolar. Nós queremos que nossos alunos voem", declara Jole ao falar sobre a importância de um projeto desse tipo nas escolas.



Escola Franciscana Santo Antônio da Prata
Rua Doutor Plínio Casado, 2.875 – Bairro da Prata – Nova
Iguaçu/RJ
CEP: 26010-421
Tels.: (21) 2761-7170 / 2761-5443
E-mail: administrativo@sibsantoantonio.com.br
Direção pedagógica: Jole Pacheco Faria Freitas
Fotos: Marcela Figueiredo



Em alta ou em baixa

Sua escola tem fama de ser forte ou fraca? Rótulos e *rankings* influenciam a imagem da instituição. Veja como melhorar seu conceito

Depois de quatro anos e meio, Claudia Adriana da Silva resolveu mudar sua filha, Bruna Heloísa dos Santos, de uma escola fraca em Curitiba (PR) para uma mais forte, na mesma cidade. A baixa qualidade de ensino da instituição foi uma das razões que motivaram a transferência. Existem pais que fazem o caminho inverso. Para evitar que o filho repita de ano, procuram uma escola com fama de mais fácil e menos exigente para matriculá-lo no segundo semestre. Sem deixar de levar em conta a subjetividade relacionada às ideias de forte ou fraca, a imagem que a instituição de ensino possui exerce influência na escolha dos pais e no posicionamento no mercado educacional, sobretudo com a atual onda dos *rankings*, como o do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) que coloca em evidência as melhores e as piores escolas. Os especialistas, tanto da área pedagógica quanto de gestão e *marketing*, são unânimes em dizer que melhorar de conceito exige mais do que um trabalho de imagem. É preciso investir em mudanças e, principalmente, dar o primeiro passo reconhecendo os pontos fracos, o que não costuma ser tarefa fácil.

É claro que nem sempre os rótulos recebidos pelas escolas condizem com a realidade, pois se baseiam muitas vezes no senso comum, que é com frequência desprovido de pragmatismo e baseado em modelos já defasados. Tomando como ponto de partida a educação que receberam, por exemplo, ainda há muitos pais que valorizam a quantidade de conteúdo ministrado e podem não compreender uma linha pedagógica centrada em um processo de ensino-aprendizagem mais vivencial. "Ao compararem a escola do filho com a do coleguinha de outra escola, que tenha uma linha, suponhamos, mais conteudista, os pais acreditam que seu filho não está recebendo

o volume adequado de conteúdos e então resolvem tirá-lo daquela escola, por acharem que isso significa que ela é 'fraca'. Por isso, é importante discernir os modelos e, a partir deles, melhor avaliar a escola", afirma Marcelo Freitas, consultor em Educação e coordenador do Movimento Escola Responsável, além de colunista da *Gestão Educacional*.

Apesar de estar satisfeita por sua filha ter mais tarefa na escola atual, onde cursa a 7ª série, esta não é a principal razão para Cláudia acreditar que a instituição seja mais forte do que a anterior. A mãe conta que hoje, depois de quase um ano e meio que ingressou na nova escola, Bruna sabe contestar mais, discutir e expor suas ideias. "A escola anterior ainda é no esquema do professor falar e o estudante ouvir e aceitar. Não tinha espaço para o aluno colocar as suas opiniões. Já a escola atual é totalmente diferente: o professor lança o tema e pede a opinião dos jovens, faz com que troquem ideias e debatam envolvendo a turma toda. Acredito que esse método, sim, fará com que criemos novos pensadores".

A psicopedagoga clínica e professora Ana Silvia Figueira, autora do livro *Notas Baixas! O Que Fazer?*, da República Editorial, concorda com Claudia neste aspecto e ressalta a importância de a instituição de ensino desafiar os alunos na busca pelo conhecimento. "Uma boa escola não é a que sobrecarrega um aluno, mas a que o motiva a ser curioso, a querer descobrir. (...) Decorar não garante o conhecimento, porque este transcende a busca pela resposta certa. O mundo está cheio de respostas para quem sabe perguntar, dizia José Saramago, o laureado escritor português".

Na era digital, em que as informações não precisam mais ser armazenadas pelos alunos, já que podem ser facilmente acessadas por quem sabe buscá-las, é praticamente consenso no meio educacional



que uma escola forte é aquela capaz de formar jovens críticos e aptos a construir o seu próprio conhecimento. O dinamismo das transformações da sociedade contemporânea impõe, mais do que tudo, saber aprender a cada dia. Porém, nem sempre os pais e às vezes até mesmo os educadores estão conscientes deste novo papel da escola. “Cabe à instituição definir seus propósitos e intenções educativas para ter condições de reorientar suas práticas e tomadas de decisões, bem como para orientar os alunos e as famílias”, afirma a pedagoga e professora Ivanilde Moreira, autora do livro *Fracasso Escolar e Interação Professor-Aluno*, da Wak Editora, que foi diretora de escola por mais de uma década e atua há 20 anos na área de formação de professores.

Fama de forte ou fraca?

Apesar de os rótulos nem sempre corresponderem aos fatos, muitas vezes a fama realmente reflete a realidade da escola. Marcelo Freitas lembra que o conceito de forte ou fraca passa pela percepção individual, reforçando que é preciso considerar processos educativos que seguem uma lógica diferenciada e podem ser pouco compreendidos pelos pais, porém sua experiência valida a velha premissa de “onde há fumaça há fogo”. “De um modo geral, seja por um motivo ou outro, o fato é que a grande maioria realmente corrobora a fama que tem, seja pelo lado positivo seja pelo negativo”.

Um aspecto bastante concreto que tem influenciado na classificação de forte ou fraca pelos pais é a posição da escola no *ranking* do Enem. Como ter condições de passar no vestibular é um dos resultados mais buscados pelas famílias no Ensino Médio, o desempenho da instituição no exame acaba sendo um critério de escolha, e alguns pais optam por mudar o filho de escola, para uma melhor, logo após a oitava série. As instituições de ensino que obtêm

boas notas no Enem aproveitam estes números de visibilidade nacional para se promoverem. Entretanto, Ana Figueiral faz uma ressalva sobre a utilização deste parâmetro para medir a qualidade do ensino. “O que é preciso considerar é que o Enem não avalia a escola, mas o aluno. E isto faz toda a diferença. Um aluno é uma somatória, e a escola é uma das parcelas desta soma”.

Mudar o estigma de escola fraca implica um longo trajeto a ser percorrido. Segundo Freitas, primeiramente é necessário reconhecer que o problema existe, o que costuma ser uma grande dificuldade. Para evitar dúvidas, o consultor emprega em seu trabalho pesquisas estruturadas para tornar as conclusões mais sedimentadas e impessoais. Vencida esta etapa, é traçado um plano de ação para reduzir as fraquezas e dar brilho aos pontos fortes da instituição. “Veja que não é o caso de se gastar rios de dinheiro em propaganda ou comunicação. Primeiro é necessário se eliminar as causas do problema e buscar resultados que ratifiquem a melhoria da escola. Depois, sim, divulgar os pontos positivos”, explica.

A maioria das instituições de ensino tem como objetivo oferecer um aprendizado cada vez melhor – mesmo não acertando sempre, pelo menos esta é a intenção – e ganhar reconhecimento no mercado (leia quadros com dicas dos especialistas para se tornar uma escola forte). Mas existe uma parcela do segmento que caminha na contramão desta lógica. “Por incrível que possa parecer, há também aquelas que miram o nicho de estudantes com dificuldade de aprendizado e que são rechaçados das escolas de melhor qualidade. Nesse caso, elas são, propositalmente, fracas e pouco exigem dos seus alunos para aprovação”, revela Freitas. O consultor também acrescenta que o problema com estas instituições é que no futuro seus alunos certamente encontrarão dificuldades para passar em concursos e exames de vestibulares.

Dicas para tornar sua escola forte

Por Marcelo Freitas

Manter **pesquisas constantes** para avaliar a qualidade e, principalmente, a percepção de imagem que a comunidade tem em relação à escola.

Estabelecer um **plano estratégico** consistente, que aponte ações de melhoria e manutenção da qualidade, não somente na esfera educacional, mas também na prestação de serviços de uma maneira geral.

Manter sempre os **públicos interno e externo informados** sobre os avanços e conquistas da escola no campo educacional.

A **equipe de comunicação** da escola deve estar presente em todas as esferas, compartilhando os processos para melhor interagir com seus diversos públicos.

Treinar, sistemática e constantemente, todos os funcionários, e não somente os professores. Numa escola, todos são educadores!

Adotar o uso contínuo de **padrões de desempenho** para aferir a qualidade da prestação de serviços. Indicadores individuais e institucionais podem ajudar a manter o nível e o foco da escola.

Dicas para tornar sua escola forte

Por Ivanilde Moreira

Projeto pedagógico: deve ser o norte da escola, o “mapa”, que guiará o rumo de todas as ações desenvolvidas; deve conter os propósitos educativos e as intenções claramente definidas por todos os membros da equipe pedagógica, a fim de orientar a tomada de decisão; uma escola sem projeto é uma escola sem alma!

Gestores: devem se alinhar às teorias contemporâneas de administração e aplicar conhecimentos advindos do mundo corporativo;

tornar a gestão a mais democrática e participativa possível, sem perder, no entanto, a clareza do papel e o lugar da autoridade de cada um nesse processo:

- Gestor de processos - diretor
- Gestor de talentos - coordenador
- Gestor de conhecimentos - professor

Marketing estratégico: a escola deverá acolher a diversidade, amparar os alunos e suas famílias, dando a cada um aquilo de que necessita; fortalecer a liderança

do gestor e as lideranças setoriais (coordenadores, professores e funcionários).

Família: oferecer orientação e formação; famílias que não conhecem as intenções da escola sentem-se perdidas e no direito de desafiar a autoridade da equipe pedagógica, fazendo cobranças infundadas. Portanto, ao escolher a escola do filho, devem conhecer os limites e as possibilidades da instituição escolhida. Isso deve estar claro no contrato de prestação de serviços.

Rendimento escolar

Como Freitas assinalou, existem escolas fortes que rechaçam os alunos com baixo rendimento, não oficialmente, porém indiretamente a partir do momento em que não oferecem condições para estes jovens se desenvolverem. Diante do fracasso escolar do filho, alguns pais escolhem o caminho mais fácil de matriculá-lo em uma instituição mais fraca. Ana acredita que as escolas dos dois lados deste “cabo de guerra” têm responsabilidades a cumprir nesta situação. Para a psicopedagoga, a instituição que “perde” o estudante também perde, porque o fracasso na aprendizagem reflete o fracasso de quem ensina, que precisa repensar sua abordagem pedagógica. E a escola que “ganha” o novo aluno também deve cuidar para não ser condescendente com o baixo desempenho. “Um aluno que sai porque não teve sucesso é um convite à reflexão do projeto pedagógico da escola, junto aos seus professores. A instituição que vai receber aquele aluno em condições muito particulares deverá ser preparada para dar o suporte necessário visando à estimulação da aprendizagem e não para exigir menos”, orienta.

Analisando a atitude dos pais que preferem transferir seus filhos na iminência de uma reprovação, Ivanilde pondera que como provedores e educadores eles tentam ampará-los, encaminhando-os ao sucesso, porém estão equivocados no momento em que se conduzem de forma paternalista e os superprotegem, poupando-os do esforço e da responsabilidade de levarem os estudos com mais competência e seriedade. “Ao mudarem os filhos de escola, deixam a seguinte mensagem subliminar para eles: ‘podem relaxar nos estudos, pois estamos

aqui para resolver todas as barreiras que entravam a sua felicidade’; ao fazerem isso, os pais não sabem que estão forjando uma geração de adultos fragilizados, confusos e imaturos”, explica. Na nova escola em que estuda, a adolescente Bruna teve este ano a primeira média vermelha no boletim. E, segundo sua mãe, muitas das notas atuais são inferiores às da escola antiga para as mesmas matérias. “O que percebo é que agora ela precisa se dedicar e se empenhar muito mais para conseguir tirar uma nota realmente boa. Infelizmente, ela não desenvolveu esse hábito, pois antes era muito fácil tirar uma nota acima de oito, por exemplo. Para mim, atualmente, ficou o trabalho diário de cobrar, incentivar e ajudar nessa questão”, relata Claudia. Apesar da mudança de desempenho, a mãe afirma que, mesmo que sua filha pudesse repetir de ano, não a matricularia em outra escola para evitar a reprovação.

Ana Figueiral também aponta que existem outras razões que levam as famílias a mudarem de instituição de ensino, como a orientação de um especialista em aprendizagem no caso de alunos que apresentem Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), que não possuem rendimento compatível com estudantes da mesma faixa etária e não melhoram o aprendizado após a reprovação. “O ideal é que as escolas se preparem para compreender que cada aluno tem um ritmo e um nível de aprendizagem. Compará-los com o grupo da mesma faixa etária é desconsiderar as possibilidades individuais, é abrir espaço para a exclusão, para a indigência do sistema educacional”, defende a psicopedagoga. ■

* Matéria extraída da Revista Gestão Educacional, novembro de 2010, ano 6 / nº 66.



Arte na Escola

Alunos têm seus trabalhos selecionados para Mostra Municipal

Antônia Lúcia

Que a arte responde por grandes transformações na sociedade desde os tempos mais longínquos, isso não se discute. O que muitos ainda não sabem é que essa mesma arte tem sido responsável pela mudança de atitude de vários alunos do Ginásio Experimental Carioca Rivadávia Corrêa, no Centro do Rio. Idealizado pela professora de Artes Janete Martins Bloise o projeto tem revelado um lado criativo dos estudantes, até então desconhecido. Inspiradas por grandes mestres como Leonardo da Vinci, Michelangelo e outros, as turmas do oitavo ano realizaram vários trabalhos,

dos quais quatro acabaram sendo selecionados para a Mostra Municipal Conexão das Artes, organizada pela Secretaria Municipal de Educação.

Com o novo modelo de ensino, realizado em tempo integral, a turma ganhou mais tempo para a leitura e pesquisa acerca dos tópicos ministrados na disciplina. A professora Janete apresentou aos alunos informações sobre a arte na época do Renascimento, bem como os artistas daquele e de outros movimentos. Paralelamente, os educandos utilizavam, como material de apoio e fonte de inspiração, cópia ampliada, em preto e branco, da pintura de *Mona Lisa*.



Divididos em grupos de até quatro integrantes, eles associaram os conhecimentos adquiridos à originalidade e fizeram uma releitura da mais famosa obra de Leonardo da Vinci. "Coloquei adereços e ajeitei o cabelo para a minha Mona Lisa ficar moderna", revelou a estudante Paula Oliveira Barros de Souza da equipe que criou a *Mona Fashion*. Nas paredes, Mona Lisas siliconadas, loiras, vítimas da violência doméstica, religiosas, sem o típico sorriso, de lábios carnudos, *teen...*enfim, sob todas as óticas, mas não menos "monalística".

Além das informações em sala, a turma assistiu a um vídeo sobre a história do Renascimento, suas fases e outras escolas que compuseram esse mosaico da cultura do século XIV ao XVII, fragmentados em três etapas: *Trecento*, *Quattrocento*, Maneirismo ou "trio sagrado" da Renascença. "Como não temos material didático, busco recursos na enciclopédia virtual de Educação, que nos permite assistir a vários vídeos e visitar virtualmente museus, como o *Louvre*, onde está o quadro da Mona Lisa", justifica a professora. Numa perspectiva acadêmica ou popular, a famosa tela de Michelangelo *A criação de Adão* revelou-se de maneira original para as turmas 1800, tendo como resultado algumas reproduções bastante modernas.

Nessa busca pela capacidade inovadora, a pintura Rupestre – arte preservada por milênios em grutas pré-históricas e que se transformaram em verdadeiros museus da humanidade – teve a sua marca nas aulas de Artes, revistas pelo olhar dos acadêmicos do século XXI. As figuras gráficas de Escher também ganharam seus contornos nas mãos das turmas do segundo ciclo do Ensino Fundamental que trabalharam nelas com muita alegria e improviso. "Por ficarmos o dia todo na escola, a gente se envolve mais nos projetos, tem mais tempo para conversar com os alunos e conhecê-los melhor", ressalta a professora enfatizando o quanto essa maior presença contribuiu para o sucesso do trabalho.

De acordo com a docente, outro aspecto favorável é o maior envolvimento com a cultura através das exposições, das visitas aos museus, galerias de arte e *vernissages*, além dos passeios por pontos históricos que têm se tornado um estímulo para a ampliação da leitura de mundo de todos os alunos. Para esse ano, a professora já traçou um novo calendário de ações, projetos e atividades para que a arte na escola continue a ser vista e vivida como uma das belas nuances desse grande mosaico que é a vida. ■



Ginásio Experimental Carioca Rivadávia Corrêa
Av. Presidente Vargas, 1.314 – Centro – Rio
de Janeiro/RJ
CEP: 20210-031
Tel.: (21) 2253-8064
E-mail: emrivadaviacorrêa@rioeduca.net
Diretora: Bárbara Portilho
Fotos cedidas pela escola

Aspectos essenciais à criação foram apresentados aos alunos a fim de embasá-los tanto no conhecimento como na apreciação das produções artísticas



De mãos dadas com a questão indígena

Projeto sensibiliza crianças para a diversidade

Claudia Sanches



Educadores aproveitaram o tema para trabalhar a diversidade, além de resgatar e valorizar as origens do povo brasileiro





ta, caçando, pescando e dormindo na rede, além de romper com os estereótipos romanceados nos livros de literatura. Para ilustrar de forma lúdica esses conhecimentos, a equipe pedagógica baseou-se na RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. “As crianças aprendem aspectos das culturas das tribos de forma bem divertida”, comenta uma das professoras.

Durante o ano letivo os alunos conhecem diferentes costumes dos indígenas do Brasil com a finalidade de respeitarem e valorizarem a diversidade, vivenciando experiências que estimulem a criatividade e a arte. As turmas visitam o Museu do Índio, em Botafogo, participam de contação de histórias e músicas, ateliês com argila e outros materiais, confeccionam utensílios e máscaras de papel marchê com motivos dos povos indígenas, participam de oficinas de pintura corporal e dança, além de canto em algumas línguas nativas. O plantio e o cuidado de mudas e sementes é uma etapa muito importante, que ressalta a necessidade para esses povos da conservação do planeta.

Eliete ainda recorda uma experiência vivida através do projeto que possibilitou muitas atividades interessantes: “Ficamos emocionados quando uma menina, folheando um livro, percebeu semelhanças entre as feições dos povos da tribo Yanomami com as da professora Elisângela”, lembra. O fato se desdobrou no conto “A Cobra Grande”, que narra o nascimento dos povos indígenas e deu início às discussões sobre as origens do povo brasileiro.

“O que é isso, tia?” perguntou o aluno Luis Roberto, de apenas quatro anos, que chegou pulando, batendo a mão na boca e fazendo “Buh-buh-buh!”. A professora Eliete não perdeu a oportunidade e devolveu a pergunta às crianças da turma. O pequeno Leandro logo respondeu: “Índio que faz isso, tia! Eu sei porque o meu primo Igor falou”.

Essa foi a situação que desencadeou o projeto *A educação infantil de mãos dadas com a questão indígena*, desenvolvido há quatro anos na Escola Municipal Renata Magaldi pelas professoras Elisângela Rodrigues e Eliete Dias Andrade. O questionamento foi um motivo para aprofundar o tema e buscar mais informações sobre “o que mais o índio faz”: “Percebi a chance de explorar esse assunto tão complexo que antes só era discutido nas universidades e hoje podemos trabalhar na Educação Infantil de forma diferenciada”, conta Elisângela, que já estudava a temática em parceria com universidades do Rio de Janeiro.

A intenção é apresentar as diversidades culturais indígenas atuais e tentar desmistificar a imagem de que índio é aquele que vive nu, na flores-





Projeto deu asas para a criatividade. Professores transformaram conhecimento em muitas tarefas em sala: confeccionaram brinquedos, criaram utensílios com argila, reescreveram lendas, pintaram seus corpos com motivos indígenas, construíram brinquedos, dançaram e aprenderam a valorizar a natureza

Durante as atividades em sala, as crianças confeccionaram uma cobra. Da sua boca saíram vários indígenas que vão se espalhando ao longo do mapa do Brasil. Outros trabalhos, como livros feitos com TNT e dobradura, para recontar as lendas, também fizeram parte das ações práticas. Para finalizar, houve degustação de alimentos tradicionais, construção de brinquedos e prática de jogos indígenas. A escola contou com a visita de professores dos povos Pataxó, da Bahia, e Guajajara, do Maranhão, além de entrevistas e oficinas com os Guaranis, do Rio de Janeiro.

Segundo a supervisora da escola, Maria Izabel Freitas, o trabalho foi uma forma de desmistificar conceitos e conhecer diferentes tipos de vida: “Trazer para o dia a dia dos primeiros habitantes do país que pessoas comuns da sociedade brasileira ajudam a desenvolver a consciência de respeitá-los como cidadãos”. O trabalho também propiciou descobertas para os adultos, como foi o caso da agente educadora do colégio, Márcia de Jesus: “Fiquei encantada porque nunca tinha visto um índio caracterizado. Pensei: isso existe mesmo? Com tanta modernidade eles ainda se vestem assim, ainda fazem isso?”.

Elisângela e Eliete acreditam que trabalhar a questão vai além da simples implementação de uma lei, pois vislumbra a formação de uma sociedade mais justa:



“As crianças são curiosas e sentem necessidade de espaço para suas dúvidas, descobertas. O projeto proporciona uma forma de interação para expansão dos conhecimentos e criatividade. Além disso, garante a construção de uma sociedade sustentável e mais tolerante, já que o futuro desses povos também depende da educação”, concluem as professoras, que ano passado construíram um catálogo com jogos e brincadeiras indígenas e em 2012 planejam editar um almanaque.

Umei – Unidade Municipal de Educação Infantil Renata
Gonçalves Magaldi
Travessa Ayres Lemos, s/nº – Fonseca – Niterói/RJ
CEP: 24130-616
Tels.: (21) 3603-8244 / 3603-8242
E-mail: elimdias@yahoo.com.br
Fotos cedidas pela escola



Viva o Zé Pereira!

Karen Acioly

Editora Rocco – Tel.: (21) 3525-2000
(imagem arquivo)

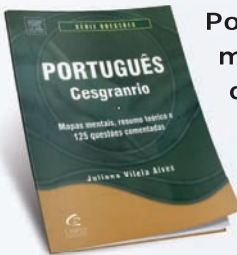


Depois de narrar a trajetória do maestro Villa-Lobos e de criar um encontro imaginário entre o inventor do avião e o autor de *Cinco semanas num balão e outras aventuras fantásticas*, a autora conta um pouco da origem do Carnaval no Rio de Janeiro a partir da história do português José Nogueira de Azevedo Paredes, popularmente conhecido como Zé Pereira.

Português Cesgranrio – Mapas mentais, resumo teórico e 125 questões comentadas

Juliana Vilela Alves

Editora Elsevier – Tel.: (24) 2237-3769



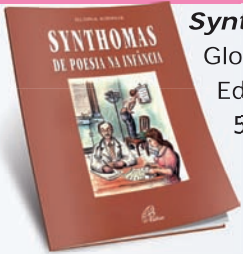
Neste livro, Juliana Alves apresenta a teoria de gramática e interpretação de textos por meio de esquemas e mapas mentais, de acordo com a abordagem da Cesgranrio.

De maneira didática e com fins de aplicabilidade no dia a dia os capítulos abrangem interpretação de textos, fonética e fonologia, morfologia e sintaxe da Língua Portuguesa.

Synthomas de poesia na infância

Gloria Kirinus

Editora Paulinas – Tel.: (21) 2232-5486

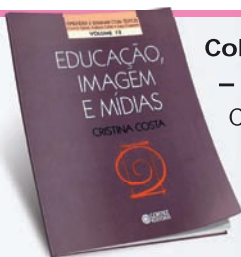


Escrito a partir das próprias entranhas do conflito – família e escola –, o livro levanta questões significativas e relações precisas entre infância e poesia.

Coleção Como ensinar com textos – Educação, imagem e mídias

Cristina Costa

Cortez Editora – Tel.: (11) 3864-4290



A obra revela uma profunda convivência com os objetos de análise: a imagem, a comunicação audiovisual e digital no contexto da era da informação. O livro introduz uma profícua análise das questões educativas, pensadas nos diálogos com as tecnologias da comunicação.

Caminhos para aprender a ler e escrever

Josette Jolibert e Christine Sraïki
Editora Contexto – Tel.: (11) 3832-5838

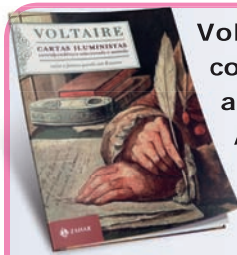


Nessa obra, professores, educadores, diretores de escola e pedagogos – além de responsáveis por políticas públicas de Educação – encontrarão, mais que um guia pedagógico, uma proposta didática global e coerente para o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. O objetivo é formar crianças ativas e comunicativas, que sejam capazes de ler e produzir textos “de verdade”.

Voltaire – Cartas iluministas: correspondência selecionada e anotada

André Telles e Jorge Bastos (org.)

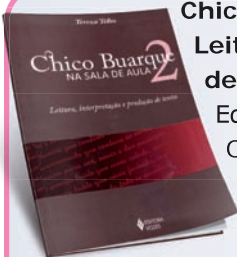
Editora Zahar – Tel.: (21) 2108-0808



Além da obra filosófica, literária e científica, Voltaire escreveu cerca de 17 mil cartas. A presente seleção acompanha sua trajetória e abre uma janela para a grande revolução iluminista, da qual ele foi um dos mais lúcidos articuladores.

Chico Buarque na sala de aula – Leitura, interpretação e produção de textos

Editora Vozes – Tel.: (24) 2233-9029

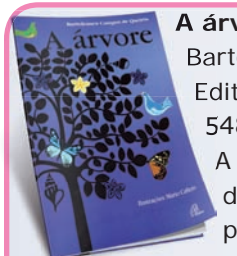


O objetivo deste livro é promover o encontro entre o aluno e o texto literário, visando a conquista da habilidade de refletir e a possibilidade de exercitar formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, propiciando a possibilidade de refletir sobre os fenômenos históricos e políticos.

A árvore

Bartolomeu Campos de Queirós

Editora Paulinas – Tel.: (21) 2232-5486



A árvore, ainda que distribua, democraticamente, sua sombra, pertence ao poeta. É para ele que revela seu mar de folhas com os bichos que acolhe: as borboletas, as cigarras, os grilos, as lagartas, as formigas, as abelhas... É para ele que vão o colo, a sombra e as notícias. Dessa forma, o autor mostra todo o encantamento de sua árvore.



Como usar as redes sociais a favor da aprendizagem

Daniele Pechi

Você sabe quantos de seus alunos possuem perfis no Orkut, no Facebook ou no Google+? Já experimentou fazer uso dessas redes sociais para disponibilizar materiais de apoio ou promover discussões *on-line*?

Cada vez mais cedo, as redes sociais passam a fazer parte do cotidiano dos alunos, e essa é uma realidade imutável. Mais do que entreter, elas podem se tornar ferramentas de interação valiosas para auxiliar no seu trabalho em sala de aula, desde que bem utilizadas. "O contato com os estudantes na internet ajuda o professor a conhecê-los melhor", afirma Betina von Staa, pesquisadora da divisão de Tecnologia Educacional da Positivo Informática. "Quando o professor sabe quais são os interesses dos jovens para os quais leciona, ele prepara aulas mais focadas e interessantes, que facilitam a aprendizagem", diz.

Se você optou por se relacionar com os alunos nas redes, já deve ter esbarrado em uma questão delicada: qual o limite da interação? O professor deve ou não criar um perfil profissional para se comunicar com os estudantes? "Essa separação não existe no mundo real, o professor não deixa de ser professor fora de sala, por isso não faz sentido ele ter dois perfis (um profissional e outro pessoal)", afirma Betina. "Os alunos querem ver os professores como eles são nas redes sociais".

Mas é evidente que em uma rede social o professor não pode agir como se estivesse em um grupo de amigos íntimos. "O que não se pode perder de vista é o fato de que, na internet, o professor está se expondo para o mundo", afirma Maiko Spiess, sociólogo e pesquisador do Grupo de Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). "Ele tem que se dar conta de que está em um espaço público frequentado por seus alunos", prossegue. Por isso, no mundo virtual, os docentes precisam continuar dando bons exemplos e devem se policiar para não comprometerem suas imagens perante os estudantes. Os cuidados são de naturezas diversas, desde não cometer erros de ortografia até não colocar fotos comprometedoras nos álbuns. "O mais importante é fazer com que os professores se lembrem de que não existe tecnologia impermeável, mas comportamentos adequados nas redes", destaca Betina von Staa.

A seguir, listamos cinco formas de usar as redes sociais como aliadas da aprendizagem e alguns cuidados a serem tomados:

1. Faça a mediação de grupos de estudo

Convidar os alunos de séries diferentes para participarem de grupos de estudo nas redes – separados por turma ou por escolas em que





...você dá aulas – pode ajudá-lo a diagnosticar as dúvidas e os assuntos de interesse dos estudantes que podem ser trabalhados em sala de aula, de acordo com os conteúdos curriculares já planejados para cada série. Os grupos no Facebook ou as comunidades do Orkut podem ser concebidos como espaços de troca de informações entre professor e estudantes, mas lembre-se: você é o mediador das discussões propostas e tem o papel de orientar os alunos. Todos os participantes do grupo podem fazer uso do espaço para indicar *links* interessantes ou páginas de instituições que podem ajudar em seus estudos. “A colaboração entre os alunos proporciona o aprendizado fora de sala de aula e contribui para a construção conjunta do conhecimento”, explica Spiess.

2. Disponibilize conteúdos extras para os alunos

As redes sociais são bons espaços para compartilhar com os estudantes materiais multimídia, notícias de jornais e revistas, vídeos, músicas, trechos de filmes ou de peças de teatro que envolvam assuntos trabalhados em sala, de maneira complementar. “Os alunos passam muitas horas nas redes sociais, por isso é mais fácil eles pararem para ver conteúdos compartilhados pelo professor no ambiente virtual”, diz Spiess. Esses recursos de apoio podem ser disponibilizados para os estudantes nos grupos ou nos perfis sociais, mas não devem estar disponíveis apenas no Facebook ou no Orkut, porque alguns deles podem não fazer parte de nenhuma dessas redes. Para compartilhar materiais de apoio e exercícios sobre os conteúdos trabalhados em sala, é melhor utilizar espaços virtuais mais adequados, como a intranet da escola, o *blog* da turma ou do próprio professor.

3. Promova discussões e compartilhe bons exemplos

Aproveitar o tempo que os alunos passam na internet para promover debates interessantes sobre temas do cotidiano os ajuda a desenvolverem o senso crítico e incentiva os mais tímidos a externarem suas opiniões. Instigue os estudantes a se manifestarem, propondo perguntas com base em notícias vistas nas redes, por exemplo. Essa pode ser uma boa forma de mantê-los em dia com as atualidades, sempre cobradas nos vestibulares.

4. Elabore um calendário de eventos

No Facebook, por meio de ferramentas como “Meu Calendário” e “Eventos”, você pode recomendar à sua turma uma visita a uma exposição, a ida a uma peça de teatro ou ao



cinema. Esses calendários das redes sociais também são utilizados para lembrar os alunos sobre as entregas de trabalhos e datas de avaliações. Porém, vale frisar: eles não podem ser a única fonte de informação sobre os eventos que acontecem na escola, em dias letivos.



5. Organize um *chat* para tirar dúvidas

Com alguns dias de antecedência, combine um horário com os alunos para tirar dúvidas sobre os conteúdos ministrados em sala de aula. Você pode usar os *chats* do Facebook, do Google Talk, do MSN ou até mesmo organizar uma *twitcam* para conversar com a turma – mas essa não pode ser a única forma de auxiliá-los nas questões que ainda não compreenderam. A grande vantagem de fazer um *chat* para tirar dúvidas *on-line* é a facilidade de reunir os estudantes em um mesmo lugar sem que haja a necessidade do deslocamento físico. “Assim que o tira-dúvidas acaba, os alunos já podem voltar a estudar o conteúdo que estava sendo trabalhado”, explica Spiess.

Cuidados a serem tomados nas redes

Estabeleça previamente as regras do jogo

Nos grupos abertos na internet, não se costuma publicar um documento oficial com regras a serem seguidas pelos participantes. Este “código de conduta” geralmente é colocado na descrição dos próprios grupos. “Conforme as interações forem acontecendo, as regras podem ser alteradas”, diz Spiess. “Além disso, começam a surgir lideranças dentro dos próprios grupos, que colaboram com os professores na gestão das comunidades”. Com o tempo, os usuários mesmo vão condenar os comportamentos que considerarem inadequados, como alunos que fazem comentários que não são relativos ao que está sendo discutido ou *spams*.

Não exclua os alunos que estão fora das redes sociais

Os conteúdos obrigatórios – como os exercícios que serão trabalhados em sala e alguns textos da bibliografia da disciplina – não podem estar apenas nas redes sociais (até mesmo porque, legalmente, apenas pessoas com mais de 18 anos podem ter perfis na maioria das redes). “Os alunos que passam muito tempo conectados podem se utilizar desse alibi para convencer seus pais de que estão nas redes sociais porque seu professor pediu”, alerta Betina. A mesma regra vale para as aulas de reforço. A melhor solução para esses casos é o professor criar um *blog* e disponibilizar os materiais didáticos nele ou ainda publicá-los na intranet da escola para os alunos conseguirem acessar o conteúdo recomendado por meio de uma fonte oficial. Com relação aos pais, vale comunicar-lhes sobre a ação nas redes sociais durante as reuniões e apresentar o tipo de interação proposta com a turma.

Fonte: Extraído do site <http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/redes-sociais-ajudam-interacao-professores-alunos-645267.shtml>, em 06/02/2012.
E-mail: daniele.paula@abril.com.br





E. M. Tobias Barreto

Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante! (Paulo Freire)



TOTAL DE VISUALIZAÇÕES DE PÁGINA

3180



Revista Appai Educar

Na Rede

Educadores utilizam *blog* para estreitar laços entre escolas, pais e alunos

Marcela Figueiredo

A Escola Municipal Tobias Barreto adotou um novo recurso para facilitar o contato e a troca de informações entre a escola, os alunos, os responsáveis e outras unidades escolares. Desde outubro do ano passado, trabalhos feitos pelos alunos e comunicados de interesse pedagógico são postados em um *blog* criado exclusivamente para servir como alternativa no processo de difusão de informações entre os membros da coletividade escolar.

A ideia inicial partiu da professora Adriana Mendonça, que leciona há 20 anos. “Comecei a pensar em criá-lo em meados de 2011, mas foi exatamente no dia 15 de outubro desse mesmo ano, dia do professor, que eu consegui sentar na frente do computador para colocá-lo no ar”, explica Adriana.

Além de informar aos pais sobre reuniões escolares e postar lembretes para os alunos, o espaço serve para indicar páginas na internet onde é possível fazer buscas de conteúdo pedagógico e conhecer brincadeiras educativas. Na escola, os estudantes recebem orientação de como acessar a página em casa, bem como podem receber as próximas edições do jornalzinho da escola, que também será postado no *blog*.

Para a idealizadora do *Blog* da Tobias Barreto esse é mais um meio de comunicação entre as instituições, pais e alunos. “As escolas são fechadas e é complicado saber o que acontece dentro delas. Com esse espaço digital, pode-se ver o que está sendo feito em outras unidades, o que facilita o intercâmbio entre elas e mostra que a Educação está viva”, comenta.

Já para a diretora Andrea Hallier a importância do *blog* se dá pelo fato de ele ter a capacidade de atingir um número maior de pessoas. “Assim, todo mundo pode ver o trabalho da escola. É uma divulgação visual”, completa. Segundo Andrea a ideia é utilizar a página para postar informações direcionadas aos responsáveis, difundir os eventos da escola, inserir trabalhos feitos em sala com os alunos e incentivar a participação dos pais no processo de ensino.

Em pouco mais de quatro meses, sendo quase dois de recesso escolar, o *Blog* da Tobias Barreto registrou aproximadamente 2.800 acessos e é a aposta dos educadores para tornar o aprendizado interessante para os alunos, aproximar os pais do processo pedagógico e facilitar a troca de informações entre diferentes instituições de ensino.



ESTEJAM SEMPRE POR AQUI!

Esperamos que vocês participem e comentem, nos ajudando a transformar esse espaço em mais um ponto de encontro entre amigos da Tobias Barreto!



Escola Municipal Tobias Barreto
Rua Pompílio de Albuquerque, 62 – Encantado
– Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20745-120
Tels.: (21) 3274-2149 / 3274-2342
E-mail: emtobiasbarretorj.blogspot.com
Direção: Andrea Hallier



Ontem sonho, hoje rea

Escola faz exposição sobre a vida, os ideais e a obra do educador Darcy Ribeiro

Claudia Sanches

“**J**á que a montanha não vai a Maomé, Maomé vai à montanha”. Seguindo esse dito popular a professora de Artes Karla Carvalho encontrou uma excelente alternativa para resolver um antigo problema dos alunos relacionado à falta de oportunidade de participarem de eventos ligados à cultura e lazer. A professora resolveu organizar, junto com a comunidade escolar, uma exposição no Ciep Aurélio Buarque de Holanda, que resultou no projeto *Resgatando a memória do Ciep – Darcy Ribeiro, o educador do povo*.

O trabalho foi desenvolvido com todas as turmas do colégio da 6ª série ao Ensino Médio, com os alunos do 2º e 3º anos atuando como monitores. Karla lembra que as turmas estavam muito interessadas em realizar o projeto, o que contribuiu para o seu sucesso por dar aos jovens a chance de conhecer um pouco mais sobre os Centros Integrados de Escola Pública, com sua estrutura de estilo modernista, além de poderem prestar uma homenagem ao seu criador. “A dificuldade em transportar os alunos para um passeio no Museu de Belas Artes acabou nos ajudando a descobrir novos caminhos para ter mais acesso à cultura. Tínhamos feito duas apresentações de teatro sobre diferenças em relação a pais e filhos. Então eles estavam motivados para trabalhar, já

que reclamavam muito da carência de atividades de lazer. A partir daí decidimos levar uma exposição à escola, o que facilitou o deslocamento desses alunos que moram em bairros distantes dos grandes centros culturais”, afirma a docente.

Para concretizar o plano de realizar o evento, a professora contou com a parceria de Fátima Muniz, bibliotecária da escola, e do professor Ramiro, de Língua Portuguesa, nas pesquisas e na parte de produção textual. Em sala, divididos em grupos, os alunos iniciaram a organização das oficinas e a confecção dos uniformes amarelos da época da criação do Ciep, com o *slogan* do lápis. Logo depois escolheram os monitores e decidiram quais objetos seriam usados, além do local da realização do evento. Durante as oficinas em papel com motivos indígenas, baseadas no trabalho de Darcy nas tribos com as quais conviveu pelo país, as turmas do 5º e 6º anos confeccionaram artefatos característicos dos primeiros habitantes do Brasil, enquanto os alunos do 7º ao 9º anos também se tornaram



lidade

A exposição foi a oportunidade de homenagear Darcy Ribeiro e uma alternativa para levar cultura e lazer para os alunos da comunidade carente

designers de joias: usaram materiais variados como canudos, miçangas, barbantes e sucatas de bijuterias.

A apresentação foi dividida em partes: Darcy como antropólogo, político e escritor, além de sua vida social. Para representá-lo as turmas expuseram livros, fotos, vídeos com informações pessoais e abordaram sua trajetória até a criação dos Cieps. “A intenção era mostrar o eminente educador da maneira como ele mesmo se definia”, argumenta a professora lembrando que seu ideal era uma escola de tempo integral, como a concebida por Anísio Teixeira.

Os monitores foram orientados a falar sobre a importância da escola e da educação, bem como do privilégio de os alunos fazerem esse trabalho em sua própria casa. A visitação foi esquematizada em formato de rodízio para que todos pudessem apreciar as etapas da exposição: participar das oficinas, assistir

os vídeos, conhecer a história do projeto educacional e a vida de Darcy. Após apresentação, Karla palestrou sobre a história do Brasil em relação à educação, enquanto as turmas de adultos leram um texto sobre o assunto.

Durante o fechamento do encontro alunos e funcionários puderam sentir a emoção dos visitantes de outras instituições de

ensino, como os professores do Colégio Municipal Engenho Pequeno, que pela primeira vez participavam daquela experiência.

Segundo Karla, os alunos se sentiram orgulhosos e vitoriosos de sua escola estar fazendo um movimento diferente. “Também me senti satisfeita com o empenho deles, os grandes responsáveis pela realização do evento. Muitos participantes desconheciam a história do Ciep. Eu, por exemplo, não conhecia nem o uniforme. Precisamos sonhar, valorizar nossas origens como fez o pensador e educador Darcy Ribeiro, que faleceu em 1997, mas deixou uma obra que permanece desafiadora e viva, como a exposição pretende demonstrar”, finaliza.



Ciep Brizolão 317 Aurélio Buarque de Holanda
Rua Dona Vitalina, s/nº – Engenho Pequeno –
Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26011-590
Tel.: (21) 2695-6757
E-mail: Ciep317@gmail.com
Direção: Ketsia Bittencourt
Fotos cedidas pela Escola





Foliões da Solidariedade

Atendendo a chamada do Hemorio na semana que antecedeu o Carnaval, os funcionários da Appai – “foliões da solidariedade” – vestiram a fantasia e realizaram a ação “Pule, Sambe e Doe”, com o intuito de colaborar para que a meta de bolsas de sangue estocadas, pelo Serviço de Hemoterapia da Unidade, para o feriado de Momo fosse alcançada. De acordo com a Assessora da Appai, Simone Braga, a ação teve o objetivo de fazer um alerta para os riscos da falta de sangue no período de Carnaval e de conscientizar os funcionários, já que, nesta época, a queda no número de doações chega a ultrapassar 50%.



Equipe BemViver mantém ritmo saudável

A fim de manter o ritmo saudável dos treinamentos, a equipe Appai BemViver realizou, através do Programa Saúde 10, dois dias de avaliação física para seus funcionários que praticam as atividades de caminhadas e corridas.

O objetivo da avaliação, além da verificação do percentual de gordura, foi estimar o índice de massa corpórea, a relação cintura x quadril, o percentual de massa magra, a circunferência abdominal, além da conferência da altura e do peso. Pois, de acordo com os especialistas da área,



quanto mais informações o preparador físico tiver acerca do condicionamento físico do seu aluno, mais personalizado e melhor aproveitado será o programa de exercícios.



Appai doa 600 latas de leite ao HFB



Em janeiro a Appai, através do seu Programa de Projetos e Ações Sociais, firmou parceria com o Hospital Federal de Bonsucesso (HFB) para a doação de 600 latas de leite em pó, recebidas dos professores associados da Appai em troca do kit esportivo de caminhadas e corridas do Circuito Light Rio Antigo, que conta com o apoio da Associação. A parceria, que visa não só beneficiar as crianças assistidas pelo HFB, bem como seus familiares, teve a sua primeira entrega de mais de 600 latas de leite em pó realizada na primeira semana após o Carnaval, pela coordenadora do Programa de Projetos e Ações Sociais da Appai, Sheila dos Santos.

Circuito Athenas 2012

Em março, a Equipe Appai Caminhadas e Corridas estará no CIRCUITO ATHENAS 2012 por um estilo de vida saudável. Em breve informações sobre local das inscrições da Etapa 1 (5 e 10 km), horários e datas para retirada dos kits. Professor, acompanhe tudo pelo nosso site e mídias sociais.





Diga não ao cigarro e sim à vida

Appai realiza palestra antitabagismo para seus funcionários

Antônia Lúcia

Que os riscos causados pelo uso do tabaco e seus derivados são muitos todos sabem. Mas o que muita gente talvez ainda desconheça é que, independente do tempo de uso do cigarro, sempre há condições para se buscar uma melhor qualidade de vida. Foi o que explicou a enfermeira e fisioterapeuta Delina Sampaio, do Grupo Notredame Intermédica, durante a palestra *Antitabagismo*, realizada no auditório da Appai para os funcionários da Associação e da Assist.

A palestra faz parte do Programa Qualivida, da Intermédica, e tem como objetivo realizar o monitoramento para que o indivíduo volte a ter mais qualidade de vida, levando em conta o combate ao sedentarismo de uma

forma positiva. “A ideia é que, junto com uma equipe multidisciplinar do programa – enfermeiros, psicólogos, médicos, psiquiatras e nutricionistas –, a pessoa seja estimulada a substituir paulatinamente o costume do uso do cigarro por outro, mais prazeroso. Pode ser uma atividade esportiva, pintura, dança, trabalho artesanal, enfim, algo que se sinta prazer em fazer”, esclarece Delina, lembrando que a falta de alguma coisa que propicie prazer pode determinar o insucesso do tratamento.

De acordo com os especialistas, o cigarro representa a associação de mais de 4.700 substâncias tóxicas – entre elas a acetona, o monóxido de carbono, a amônia, a nicotina e o alcatrão –, atuando sobre os mais diversos sistemas e órgãos, sendo mais de 60 delas cancerígenas. Todavia, a boa notícia é que, mesmo as pessoas que já fazem uso do cigarro há mais de cinco ou até dez anos, após um período de 1 ano de abstinência, já registram uma melhora significativa, pois a respiração torna-se mais fácil, a circulação sanguínea melhora e o olfato e o paladar voltam aos padrões normais. “Após cinco anos sem fumo, o risco de uma pessoa sofrer infarto do coração será igual ao de quem nunca fumou, e as chances de

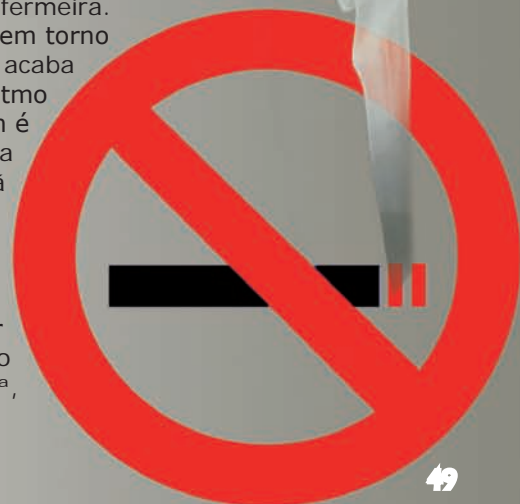
se desenvolver câncer de pulmão caem pela metade”, comenta a enfermeira.

Segundo Delina, a média do prazo de duração do programa gira em torno de seis meses. Entretanto, como o atendimento é individual, quem acaba definindo o seu período é o próprio paciente. “Cada pessoa dita o seu ritmo particular de resposta”, afiança. Para a equipe multidisciplinar, quem é iniciante na prática do cigarro ainda está deslumbrado, o que acaba criando certa resistência ao tratamento, ao contrário daqueles que já utilizam há mais tempo. “Acredito que, pelo fato de o organismo já apresentar alguns sinais negativos relacionados à saúde, o indivíduo que é fumante de longa data apresenta maior nível de adesão ao programa de tratamento”, avalia Delinda.

Os associados da Appai e beneficiários que têm interesse em fazer parte das palestras e grupos terapêuticos do programa antitabagismo podem entrar em contato pelo telefone: (21) 3984-2955, de 2ª a 6ª, no horário das 8 às 18 horas.



Delina faz o teste respiratório com um dos ouvintes



Em cada olhar uma nuance

Projeto estimula a produção do aluno com os recursos da arteterapia

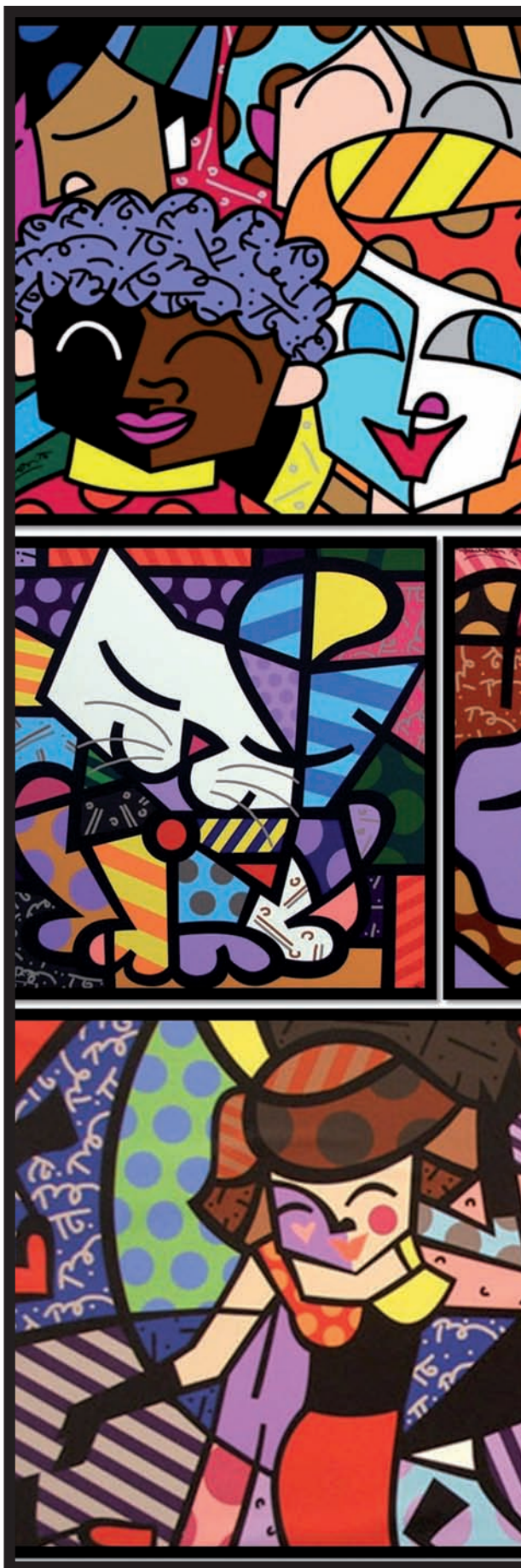
Claudia Sanches

Olhe para os lados e alegre-se com o colorido da vida. Esse é o nome do projeto desenvolvido com crianças autistas na Escola Municipal Especial Professora Mariza Azevedo Catarino, em São João de Meriti. O trabalho foi iniciativa da Orientadora Educacional e arteterapeuta Elma da Silva Padrão, que teve a ideia de explorar o artista plástico Romero Brito, conhecido como representante da arte popular. A proposta pedagógica de 2011 do colégio foi centrada no “olhar”, e o ano letivo contemplou as seguintes nuances: no primeiro semestre, “Olhe para trás, Olhe para frente, Olhe para dentro”; no segundo, “Olhe para os lados, Olhe para baixo, Olhe para cima”.

Nesse contexto, baseado no tema “Olhe para os lados”, a escola recorreu, para direcionar o programa, às técnicas oferecidas pela arte. “Tudo aconteceu em uma reunião pedagógica da rede, quando a divisão de Educação Infantil sugeriu trabalho com o artista. Daí surgiu a ideia de levar Romero Brito e aplicar com nossos alunos”, conta Elma, que pesquisou a sua produção artística e levou a proposta à diretora Simone Machado, que apoiou o programa. A educadora se inspirou na alegria quase ingênua das técnicas do artista. Segundo ela, a pintura favoreceu o diálogo com esse grupo de alunos pelo colorido e pelas formas.

Outro objetivo foi trabalhar a questão da autoestima, fazendo os estudantes perceberem que são capazes. Ela pensou também nos responsáveis, que têm um espaço reservado com psicólogos e assistentes sociais, já que apresentam a autoestima muito baixa. “Para eles, perceber que os filhos são capazes, que têm possibilidades de se desenvolver, é uma experiência maravilhosa”, relata. Elma já acompanhava na escola um grupo de alunos que trabalhava com pintura em tela. Mas pensou em utilizar também vários recursos como corte, colagem, desenho, entre outros para abranger todas as faixas etárias e níveis. “Já que nossa escola é inclusiva, queria que todos estivessem envolvidos. Aquele que não tem domínio das técnicas mais elaboradas pode ter acesso a outras. Foi o que possibilitou que todas as turmas participassem”.

A orientadora formatou o projeto e passou para os outros professores, que ficaram entusiasmados. Houve a realização dos trabalhos em sala. Os alunos reproduziam as pinturas das formas mais criativas. Cada professor procurou se planejar com suas atividades respeitando as habilidades e as idades predominantes nas turmas. O dia a dia das tarefas com a clientela foi muito prazeroso, e a colaboração dos pais foi definitiva para o





http://www.blogdaemme.com/wp-content/uploads/2011/02/romero_brito.jpg

sucesso do trabalho. As formas, linhas e o colorido das imagens da obra resultaram em lindas figuras, reproduções fiéis, caricaturas e releituras que chamaram atenção de todos durante exposição realizada para a comunidade.

De acordo com Eliana, o objetivo pedagógico da escola é trabalhar em cima das habilidades: imitação, comportamento motor amplo, comportamento motor fino, coordenação olho/mão, a *performance* cognitiva, percepção, além de relacionamento e afetividade. Esse projeto contemplava todos esses recursos. "O autista tem dificuldade de fixar o olhar. Ele reproduz no espaço da folha e a partir daí você consegue estabelecer a afetividade, criar vínculos; não olha no olho e não atende a comandos. Consegue através da imitação aquilo que se pretende", exemplifica.

Para a diretora Simone Machado apresentar Romero Brito para a criança autista foi dar a oportunidade de ela desenvolver vários aspectos: a sua obra tem contato com o mundo externo – questão em que apresentam dificuldade – e trabalha o desenvolvimento social. "Eles tiveram possibilidade de ampliar mais a visão de mundo olhando um pouco mais à frente, e a gente pôde oferecer isso. O artista pinta muito peixinhos, coração, flores, bola, motivos que tocam bastante esse grupo. Temos crianças com muita dificuldade de se concentrar, mas que participaram ativamente de todas as tarefas", completa Simone.

Eliana Musse lembra que o currículo da escola é funcional e tem como objetivo principal estimular a autonomia. Para ela a Educação Especial teve um *boom*, mas o autismo ainda é pouco discutido. Por isso esse empreendimento veio trazer um olhar para a questão e apresentou uma resposta muito boa para melhoria da qualidade de vida dessa clientela: "Muitos de nossos alunos trabalham muito bem com a arte. Os que se mostram menos habilidosos tiveram apoio da família. Pais se envolveram ajudando os filhos. Quando os autistas participam, eles saem daquele mundo particular e interagem com o outro, com a obra, com a professora, com a mãe e entre si, e isso é uma resposta pedagógica muito boa. Ganhamos o ano! Precisamos divulgar esse trabalho para que se invista mais em pesquisas e estudos nessa área".

A equipe se encantou com o resultado das atividades. As professoras ressaltam que, durante a confecção e a *vernissage*, muitos responsáveis se emocionaram com o amadurecimento da garotada. O sucesso surpreendeu a própria Elma, que olhou para os lados e viu que o projeto movimentou todo o corpo docente em prol do grupo: "O legal é ver toda a escola se esforçando; não conseguia imaginar que o trabalho poderia atingir esse nível. Eu olhava para um lado, olhava para o outro e via uma grande coesão: um professor trabalhando com a turma, outro grupo com os responsáveis, enfim, a escola ganhou um colorido e se tornou mais alegre com Romero Brito".

Escola Municipal Especial Professora Mariza Azevedo Catarino
Avenida Mendes de Oliveira, s/nº – Grande Rio – São João de
Meriti/RJ
CEP: 25540-030
Tel.: (21) 2242-7740
E-mail: emespecialmarizaazevedo@hotmail.com
Direção: Simone Machado
Fotos cedidas pela escola



Do origami ao hip-hop

Escola resgata valores através da Arte, da Ciência e da Cultura

Sandra Martins

Promover a reflexão sobre valores humanísticos e incentivar a prática desses valores para além do dia a dia escolar foi o foco do projeto *Resgatando Valores*, tema da Feira Multidisciplinar do Colégio Estadual Professora Alcina Rodrigues Lima (CEPARL), em Itaipu, bairro do município de Niterói. De acordo com a diretora-geral Sheila Taouil Siqueira, o objetivo do trabalho foi resgatar conquistas sociais que foram esquecidas com o mundo cada vez mais consumista, violento e individualista, cuja perspectiva é ter e não ser.

Sem ser pessimista, mas atenta à realidade, ela observa que apesar de a escola não apresentar graves índices de violência, como em outras unidades escolares, conforme

é divulgado na mídia, há conflitos que podem ser percebidos no desrespeito, na agressão para com os espaços e com os outros. "A escola é como se fosse um porto seguro para muitos estudantes. Eles têm que aprender a lidar com a frequente ausência dos pais, que, em busca da sobrevivência diária para a família, deixam seus filhos com irmãos mais velhos, reduzindo cada vez mais o tempo de convívio familiar entre pais e filhos".

O trabalho com estes conceitos foi iniciado no Projeto Político-Pedagógico de 2010, quando desenvolveram o tema *Gentileza gera Gentileza*. E, para a nova versão, além do cuidado com a pessoa humana, a escola agregou outro valor, a conscientização do respeito ao meio ambiente. Logo na entrada do colégio, os visitantes percebem que a preocupação da instituição não é só curricular, é prática mesmo. Pois o CEPARL tornou-se o primeiro posto de coleta de lixo eletrônico – pilhas, baterias, celulares, monitores, teclados, entre outras coisas de pequenas proporções – do município. Foi estabelecida uma parceria com a empresa Regenero, especializada no segmento



Exposição de cobras chama a atenção dos alunos

Origami e motivos natalinos: úteis ferramentas para entender conceitos como os ângulos e as figuras geométricas



de reciclagem de artigos eletrônicos e informática, que é detentora de licenças ambientais. De acordo com o material arrecadado, a empresa é acionada para o recolhimento. Após a seleção, separação e reciclagem, o resíduo eletrônico é destruído conforme definido pela legislação ambiental.

Para dar conta do extenso leque de possibilidades de temas a serem elencados dentro de cada disciplina, o grupo de docentes, dos turnos da manhã e tarde, após várias discussões, definiu os assuntos que os alunos desenvolveriam, procurando aliar teoria e prática. No caso da Matemática, a professora Elenice Zaccur, com o tema Geometria, aproveitou o interesse dos estudantes por trabalhos práticos e se utilizou da arte para lidar com sólidos geométricos: "A arte poderia me ajudar a fazê-los visualizar tais conceitos".

O saldo da escolha foi positivo, pois com as dobraduras do *Origami* os alunos aprenderam que ângulos e figuras geométricas não eram um bicho de sete cabeças. Eriney dos Santos, que pertence ao 1º ano do Ensino Médio, gostou da experiência do uso da arte para entender conceitos de Matemática e de quebra reutilizar papéis. Para ele, os números estão "invisíveis" nas dobraduras; do quadrado primeiramente e, depois, dos triângulos para se fazer os anjinhos. O mesmo processo foi utilizado por Ingrid Rocha para fazer as estrelas que ensinava para os colegas.

Marcela Fogagnoli, professora de História, aproveitou os conteúdos sobre memória e respeito aos

idosos para falar de algo que os jovens pensam estar ultrapassado: o rádio. A ambiência da sala dava indicativos de que o trabalho foi bem aceito. No teto, foram pendurados fios com discos de vinil na ponta. Os alunos montaram um vídeo com a história do rádio. De acordo com Thais Gabriel, do 8º ano, o projeto foi bastante rico, pois o grupo teve a oportunidade de ouvir relatos de quem participou de programas de auditório na própria emissora, como acontece hoje na TV.

Paralelamente aos seminários apresentados em sala de aula, espalhava-se pelos corredores do colégio uma verdadeira mostra de artes, a cargo da professora Denise Bibiano de Oliveira, com desenhos utilizando técnicas diversas como grafismo, grafite, perspectiva, máscaras em papel marchê, *origamis*. Houve também apresentação de danças e de teatro, assim como a exposição de animais peçonhentos, fruto da parceria com o Instituto Vital Brasil. De acordo com Carmen Lúcia, diretora adjunta, a exibição, que chamou muita atenção dos alunos, teve como objetivo enriquecer o conhecimento sobre quais são e os cuidados que se deve adotar com essas perigosas criaturas presentes na fauna silvestre brasileira – cobras, entre elas jiboias, cascavéis, jararacas e jararacuços, além de escorpiões, lacraias e aranhas.

Outra sala revelava que os debates envolveram a construção identitária do adolescente. Com duas folhas de papel pardo foram montados perfis de vários deles que se mostravam impregnados dos padrões comportamentais estabelecidos pela sociedade con-

sumista e individualista contemporânea. Num painel, uma jovem em pé sobre um planeta emitia o seguinte recado: "Os homens não entendem as mulheres, pois eles não têm capacidade mental suficiente. O mundo feminino vai mais além do que desenhamos e do que podemos ter desenhado". Na figura apareciam estampados: celular, relógio, bijuteria, bota de cano alto, óculos, notas musicais.

Em todo o colégio, via-se o empenho na reflexão sobre que tipo de pessoas assumirá as rédeas deste mundo no futuro próximo. Esta, segundo a professora de Ensino Religioso Norma Figueira, foi e é a preocupação da equipe do colégio. E para sensibilizar os jovens ela construiu a *Árvore das Virtudes*. A atividade foi acontecendo a partir da contação de histórias, leitura de textos, muita conversa e gravuras. Uma das dinâmicas usadas foi, após contar uma história, pedir que os alunos fechassem os olhos e se deixassem conduzir na feitura de um desenho. Superadas as resistências iniciais – delegar o comando para o outro, compartilhar a insegurança e o medo –, os estudantes questionaram a qualidade do que foi desenhado, enquanto a professora dizia: "Sem a presença de Deus, tudo fica fora do lugar", ou que, "sem disciplina, respeito, afetividade, nada fica harmonioso".

E nada melhor para harmonizar uma feira multicultural do que encerrar cada turno com atividades culturais, como apresentação de danças (*hip-hop*, salão, samba), de Judô – com os alunos do professor do programa Mais Educação, Joel dos Santos Pereira (faixa preta 2º Dan e ex-aluno do CEPARL) –, além de números teatrais. Na peça do primeiro turno, a ideia era retratar as angústias de um imigrante descrente quanto à recuperação do ser humano após a 2ª Guerra Mundial. A segunda peça foi um Auto de Natal que procurou sintetizar todos os objetivos do projeto *Resgatando Valores*. A própria organização simboliza que o caminho seguido, certamente, é o correto, pois fortaleceu o companheirismo, de longa data, entre os membros da equipe de professores – Denise (Artes), Geimar Messa (Ciências), Cleusa Messa (Matemática) e Norma (Ensino Religioso), além da diretora adjunta Carmen – na produção do cenário, roteiro e ensaio dos alunos. ■

Colégio Estadual Professora Alcina Rodrigues Lima
Estrada Francisco da Cruz Nunes, s/nº – Itaipu –
Niterói/RJ
CEP: 24340-300
Tels.: (21) 3701-2423 / 3701-2425
E-mail: thaisholzer@yahoo.com.br
Diretora-geral: Sheila Taouil Siqueira
Fotos: Marcelo Ávila





Professor, teste seus conhecimentos

Atendendo a sugestão do leitor, a Revista Appai Educar selecionou algumas questões pedagógicas e de legislação educacional, com seus gabaritos, aplicadas por várias instituições organizadoras de concursos para o magistério.

1 – Logo em seu artigo 1º, a LDB (Lei Federal nº 9.394/96) determina que a educação escolar brasileira deverá manter vinculação com:

- a) as inovações tecnológicas e com o exercício da disciplina;
- b) a preservação do meio ambiente e com o desenvolvimento do patriotismo;
- c) o mundo do trabalho e com a prática social;
- d) a inclusão na era da informática e com a unificação das práticas pedagógicas;
- e) o sincretismo religioso e com a inserção no mercado de trabalho.

2 – Segundo o artigo 36-C da LDB (Lei Federal nº 9.394/96), a educação profissional técnica de Nível Médio articulada, na modalidade denominada concomitante, é oferecida:

- a) a quem já concluiu o Ensino Médio ou esteja no último período, com matrícula específica para cada curso, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis;
- b) a quem ingresse no Ensino Médio ou já o esteja cursando, com matrículas distintas para cada curso, na mesma instituição de ensino ou em instituições de ensino distintas;
- c) a quem ingresse no Ensino Médio ou já o esteja cursando, com matrículas distintas para cada curso, necessariamente em instituições de ensino distintas;
- d) a quem ingresse no Ensino Médio ou já o esteja cursando, com matrículas distintas para cada curso, sempre na mesma instituição de ensino;
- e) somente a quem esteja ingressando no Ensino Médio, com matrícula única, na mesma instituição de ensino ou em instituições de ensino distintas.

3 – O Conselho Tutelar é o órgão encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente definidos no ECA. O artigo 132 define que, em cada município, haverá, no mínimo, um Conselho Tutelar, composto de:

- a) três membros, escolhidos pela comunidade local, com mandato de cinco anos, sem direito a recondução;
- b) seis membros, sendo três escolhidos pela comunidade local e três indicados pela Secretaria Municipal de Educação, com mandato de cinco anos, permitida uma recondução;
- c) cinco membros, escolhidos pela comunidade local, com mandato de três anos, permitida uma recondução;
- d) três membros, indicados pelo poder público, com mandato de quatro anos, sem direito a recondução;
- e) cinco membros, sendo três escolhidos pela comunidade local e dois indicados pelo poder público, com mandato de três anos, permitidas duas reconduções.

4 – Gadotti registra que Paulo Freire considera duas concepções de educação que são opostas – a concepção “bancária” e a concepção “problematizadora”. Nesse contexto, analise as afirmativas abaixo.

- 1) A concepção bancária fundamenta-se na relação dialógico-dialética entre educador e educando, de modo que ambos aprendem juntos.
- 2) A concepção problematizadora nega a dialogicidade, de modo que o educador é o sujeito do processo e os alunos representam o seu objeto.

É correto afirmar que:

- a) Nenhuma das duas afirmativas é correta;
- b) Apenas a primeira afirmativa é correta;
- c) Ambas as afirmativas são corretas e a segunda complementa a primeira;
- d) Ambas as afirmativas são corretas, mas a segunda não complementa a primeira;
- e) Apenas a segunda afirmativa é correta.

5 – Dentre os procedimentos citados abaixo, todos relacionados no ECA como crimes contra a criança e o adolescente, aquele cuja pena é a mais grave, prevendo, além de multa, a reclusão de quatro a dez anos, é:

- a) Submeter criança ou adolescente à prostituição ou à exploração sexual;
- b) Impedir ou embaraçar a ação de autoridade judiciária, membro do Conselho Tutelar ou representante do Ministério Público no exercício de função prevista no ECA;
- c) Submeter criança ou adolescente sob sua autoridade, guarda ou vigilância, a vexame ou a constrangimento;
- d) Vender, fornecer, ainda que gratuitamente, ministrar ou entregar, de qualquer forma, a criança ou adolescente, sem justa causa, produtos cujos componentes possam causar dependência física ou psíquica, ainda que por utilização indevida;
- e) Corromper ou facilitar a corrupção de menor de 18 (dezoito) anos, com ele praticando infração penal ou induzindo-o a praticá-la.

6 – Os defensores das teorias ambientalistas do desenvolvimento consideram que, quando um comportamento é associado a um determinado estímulo, ele tende a reaparecer quando estiverem presentes estímulos semelhantes. Esse fenômeno é denominado:

- a) personalização;
- b) particularização;
- c) representação;
- d) generalização;
- e) interação.

Dia da Escola
15 de março

foto: Marcelo Avila



Revista Appai Educar

(Veículo de Apoio ao Profissional de Educação)



Seguro de Vida em Grupo e de Acidente Pessoal Coletivo



Serviço Social



Benefício de Educação Continuada

(Ciclo de Cursos e Palestras)



Benefício de Assistência Flex Domiciliar



Médico Ambulatorial Básico*

(sem internação)

(Atendimento limitado a alguns exames, procedimentos e especialidades)



Jurídico



Dança de Salão

(Atividade Recreativa)



Seguro para a Cobertura de Algumas Doenças Graves



Assistência Funeral



Odontológico Ambulatorial Básico*

(Atendimento limitado a alguns exames, procedimentos e especialidades)



BemViver Caminhadas e Corridas

ANS - N° 38254-0

Convênios e parcerias com outras instituições (Opcionais)

◆ Plano Hospitalar Coletivo ◆ Pousadas

OBS.: Antes de se associar, consulte a Relação de Benefícios para obter mais informações sobre a amplitude dos mesmos e outros convênios.

**Ao associar-se à Appai, você poderá descontar em folha a sua contribuição associativa.

**A opção do desconto em folha estará disponível apenas para as Instituições que tenham convênio e/ou parceria com a Appai.

Siga-nos nas mídias sociais:



Associação Beneficente dos Professores Públicos Ativos e Inativos do Estado do Rio de Janeiro
Rua Senador Dantas, 117 – sobreloja 211 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – CEP 20031-911



(21) 3983-3200



appai.org.br



faleconosco@appai.org.br